

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

Curso de Psicologia

Pablo Cesar dos Santos

**IMPACTOS DA HOMOFOBIA NA VIDA DE HOMENS
HOMOSSEXUAIS AGREDIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, orientado pela Prof^a Dr^a Márcia Aparecida Giuzi Mareuse, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

São Paulo

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Padre Radrizzani

Santos, Pablo Cesar dos

Impactos da homofobia na vida de homens homossexuais agredidos / Pablo Cesar dos Santos. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2017.

81 p.

Orientação de Márcia Aparecida Giuzi Mareuse

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia (Graduação), Centro Universitário São Camilo, 2017.

1. Ajustamento social 2. Discriminação social 3. Homofobia 4. Homossexualidade 5. Sexualidade I. Mareuse, Márcia Aparecida Giuzi II. Centro Universitário São Camilo III. Título

CDD: 303.385

Pablo Cesar dos Santos

**IMPACTOS DA HOMOFOBIA NA VIDA DE HOMENS
HOMOSSEXUAIS AGREDIDOS**

São Paulo, 21 de Novembro de 2017

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Aparecida Giuzi Mareuse

Comentadora: Prof^a Ma. Maristela Spera Martins Melero

DEDICATÓRIA

Dedicado à Itaberli Lozano, Dandara, Edson Neris, Menino Alex, Laura Vermont e Índio Tibira, todos mortos pela homofobia no Brasil.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Márcia Mareuse pelas correções e pela grande dedicação e zelo com o trabalho.

À professora Maristela Melero por comentar o presente trabalho.

Aos entrevistados que em um ato de coragem e solidariedade compartilharam suas histórias e assim ajudam na luta contra a homofobia.

À Mariana Reis, Kevin Schwarz, Camila Oliveira, Marinna Marcovecchio e Kayque Pelegrino que estiveram comigo logo após minha própria vivência de violência homofóbica que, como forma de ressignificação e enfrentamento, me direcionou a construir o presente trabalho.

À professora Mariana Garbim que me incentivou e orientou logo no início do trabalho.

Ao Carlos Henrique de Toledo Costa, Vitor Hugo Rosa dos Santos e Caroline Fernanda Lima e Silva pela ajuda nas traduções.

À todo o corpo docente do curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, pessoas fundamentais para minha formação e conseqüentemente para a construção do presente trabalho.

À Mariana dos Reis Torres pela irmandade e apoio constante na trajetória acadêmica e pessoal.

À Célia Regina dos Reis Torres pelo carinho, apoio e cuidado que favoreceram meus estudos.

À minha primeira psicoterapeuta e grande inspiração Luciene Santana.

À minha tia Jaci pelo incentivo na formação e ajuda financeira.

Ao Glauber Robert Lopes Ribeiro pelo apoio e compreensão em especial na fase final do trabalho.

À minha mãe pela vida.

Por que é que, culturalmente, nós nos sentimos mais confortáveis vendo dois homens segurando armas do que dando as mãos?

Ernest Gaines, escritor

RESUMO

SANTOS, Pablo Cesar dos. **Impactos da homofobia na vida de homens homossexuais agredidos**. 2017. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2017.

A sexualidade é um elemento constitutivo do ser humano e historicamente tem sido visualizada a partir de diversas perspectivas, nas múltiplas culturas e sociedades. As orientações sexuais diferentes da heterossexualidade, em especial a homossexualidade, vêm sofrendo um processo de preconceito e discriminação ao longo da história, e ainda hoje essa população é vítima da violência denominada homofobia, considerada o preconceito, discriminação e/ou agressão dirigidos a uma pessoa em decorrência de sua orientação homossexual. O objetivo do estudo foi conhecer os impactos da violência homofóbica nos múltiplos âmbitos da vida de homens homossexuais com vivência de agressão. O estudo se propôs a uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos envolveu pesquisa bibliográfica e levantamento. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir da leitura de artigos científicos e consultas a livros de Psicologia e Sexualidade. O levantamento consistiu em entrevistas realizadas pelo aluno pesquisador com quatro homens (gênero e sexo biológico) homossexuais, que passaram por situação de violência homofóbica na cidade de São Paulo e que concordaram em participar da pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP) do Centro Universitário São Camilo. O material coletado nas entrevistas foi analisado com base na Análise do Discurso e relacionado com o referencial teórico obtido por meio da pesquisa bibliográfica. No levantamento pode-se observar a presença da homofobia ainda na sociedade contemporânea brasileira, os principais espaços onde ocorreram os episódios de homofobia relatados foram na rua, família e escola. Múltiplos foram os tipos de agressão sofridos, destacando-se a violência verbal, moral, psicológica e física. Os principais impactos apontados pelos entrevistados foram: o medo de uma nova agressão, mudanças de comportamento, autoprivações, sentimentos oscilantes entre tristeza, raiva, culpa, solidão, rejeição e desamparo e pensamentos suicidas. As formas de lidar com a homofobia citadas nas entrevistas consistiam em educar e informar a população sobre homossexualidade e sexualidade como um todo, a auto aceitação da própria orientação sexual e recorrer à polícia. Os resultados obtidos foram relacionados aos conteúdos teóricos permitindo uma melhor visualização do tema a partir da relação entre vivência e teoria. Concluiu-se que a homofobia mostra-se presente ainda hoje na vida dos homossexuais, produzindo impactos diversos nos âmbitos psíquicos, físicos e sociais da vida dos indivíduos agredidos, demandando assim mais estudos nessa temática não apenas no campo da Psicologia, que deve ser atuante em relação ao combate a homofobia, mas também nas demais ciências, assim como a necessária criação de políticas públicas contra à homofobia e na proteção da população LGBT.

Descritores: Ajustamento social. Discriminação. Homofobia. Homossexualidade. Sexualidade.

ABSTRACT

SANTOS, Pablo Cesar dos. **Impacts of homophobia in life of battered homosexual men.** 2017. 81 f. Final paper (Bachelor of Psychology) - University Center São Camilo, São Paulo, 2017.

The sexuality is a constitutive human element and historically has been visualized from various perspectives, in many cultures and society. The different sexual orientations such as heterosexuality, in special the homosexuality, has been suffering a process of prejudice and discrimination throughout the history, and still today this population is victim of the violence called by homophobia, considering the prejudice, discrimination and/or aggressions target to a person in result of his homosexual orientation. The objective of the study was to recognize the impacts of homophobic violence in many life's fields of homosexual men with violence of aggression. The present study propose a qualitative, exploratory and descriptive kind of research. The procedures involved bibliography search and survey method. The bibliography research was made from the reading of scientific articles and consultations of Sexuality Psychology books. The survey method constitutes in interviews performed by the researcher student with four homosexual men (gender and biological sex), that suffered situations of homophobic violence in São Paulo City and agreed to join the survey, having signed the Consent term Free and Informed, after approval for the Research Ethics Committee of University Center São Camilo. The interview's collected materials were analyzed based in the speech analysis and related to the theoretical reference obtained through bibliography research. In the survey can be observed that homophobia still happening in the Brazilian contemporary society, the principal spaces that occurred these incidents were at the street, home and school. Multiple were the types of aggressions, highlighting verbal, moral, psychological and physical violence. The principal impacts pointed out by the interviewer were: fear of a new aggression, changing of behavior, self-privation, oscillating feelings like sadness, angry, guilt, loneliness, rejection, helplessness and suicidal thoughts. The ways to deal with the homophobia cited in the interviews consisted in educating and informing the population about the homosexuality and sexuality like a whole, the sexual self-acceptance, and to appeal to the police. The obtained results were related with theoretical contents allowed a better visualization of the theme starting from the relation between life and theory. Concluding that homophobia is still present today in homosexuals' life, producing several impacts in psychic, physics and social life's scopes of battered man, demanding more results in this thematic not just in psychology field, that must be active in relation to the combat against to homophobia, but other sciences too, as well as the creation of public policy against the homophobia and in the protection to the LGBT population.

Keywords: Social Adjustment. Discrimination. Homophobia. Homosexuality. Sexuality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	18
	2.1 Objetivo Geral	18
	2.2 Objetivos Específicos	18
3	MATERIAIS E MÉTODOS	19
	3.1 Método	19
	3.2 Local do estudo.....	19
	3.3 Participantes e critérios de inclusão.....	20
	3.4 Riscos e Benefícios	20
	3.5 Instrumento de Coleta de Dados.....	20
	3.6 Procedimento de Coleta e Análise de Dados	21
4	SEXUALIDADE E IMPLICAÇÕES SOCIAIS RELACIONADAS À HOMOSSEXUALIDADE.....	23
	4.1 Em busca de um conceito de sexualidade.....	23
	4.2 Breve histórico sobre a sexualidade: a perspectiva foucaultiana.....	24
	4.3 A questão de gênero e a Teoria <i>Queer</i>	29
	4.4 Identidade sexual e homossexualidade	33
5	HOMOFOBIA E MOVIMENTO LGBT	37
	5.1 Sobre violência e homofobia	37
	5.2 Espaços de violência homofóbica	39
	5.3 Impactos da homofobia	45
	5.4 Movimento LGBT	48
6	A HOMOFOBIA/VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NA PERSPECTIVA DO HOMEM HOMOSSEXUAL AGREDIDO	50
	6.1 Percepção de si como homossexual.....	50
	6.2 Definição e percepção da homofobia.....	52
	6.3 Espaços homofóbicos.....	56
	6.4 Impactos e sentidos da homofobia.....	60
	6.5 Mecanismos de enfrentamento	64
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	71
	GLOSSÁRIO.....	77
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	78
	APÊNDICE B – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA	80
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	81

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é um aspecto que compõe a vida do ser humano desde o início de sua existência. Com o passar do tempo foi se reformulando, se reconfigurando, sendo discutida e repensada nas diversas sociedades em diferentes períodos históricos (FOUCAULT, 1988 citado por BORGES et al. 2013).

Foucault (1988) ao discorrer sobre a história da sexualidade nas sociedades ocidentais fala sobre os dispositivos de controle da sexualidade. O autor escreve que no decorrer da história a sexualidade é objeto de preocupação moral, e apresenta como dispositivos de controle dos comportamentos e práticas sexuais a nobreza, a Igreja, a ciência e o Estado, dispositivos estes, que se estabelecem sob uma série de ideologias que formam valores sociais que se alteram de acordo com as mudanças da sociedade (FOUCAULT, 1988 citado por ARAÚJO, 2002).

Ainda, segundo Foucault (1988 citado por FERREIRA; AGUINSKY, 2013) é preciso considerar que os significados sobre sexualidade e gênero são construídos por diversas instituições sociais ideológicas, como família, religião, escola e justiça, e a partir dessas construções são ditados os comportamentos e atitudes que serão considerados normais, estabelecendo e mantendo o controle sobre o ser humano e a sexualidade.

Definir sexualidade é uma tarefa difícil, pois esta é um elemento fundamental da existência dos seres humanos, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, socioculturais, em consonância com isso existem inúmeras ciências estudando a sexualidade sob múltiplas perspectivas (PONTES, 2011).

Ainda sobre o conceito de sexualidade, não há uma definição única e universal, pois a sexualidade caracteriza-se como um fenômeno complexo, comportando aspectos biológicos, sócio-culturais, psíquicos, tendo múltiplas dimensões, ramificações e articulações (PONTES, 2011).

Sexualidade e genitalidade são consideradas sinônimas pelo senso comum, de maneira que apenas o ato sexual é, por muitas vezes, tido como o representante único da sexualidade. Opondo-se a essa visão, Freud foi um dos primeiros autores a ampliar o conceito de sexualidade, formulando-a muito além e aquém da

sexualidade como ato sexual, identificando, por exemplo, a pulsão sexual na infância, entre muitos outros aspectos e fenômenos (BEARZOTI, 1993).

Diversas instituições, assim como teóricos, desenvolveram diferentes concepções sobre a sexualidade. Uma das mais relevantes para as sociedades ocidentais contemporâneas é a proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera a sexualidade um aspecto fundamental e central na vida, sendo caracterizada como multidimensional, envolvendo elementos como sexo biológico, gênero, prazer e erotismo, identidades sexuais dentre outros. Nessa ampliação da OMS considera-se também que a sexualidade esta concebida em torno de fatores socioculturais, psicológicos, biológicos, históricos, legais e éticos que interagem de forma dinâmica (PONTES, 2011).

Pensar a sexualidade direciona o olhar para a questão dos gêneros e das orientações sexuais: quem são o homem e a mulher e como neles se expressam a sexualidade são questões inevitáveis ao se falar sobre o assunto. No passado os gêneros restringiam-se a masculino e feminino, e estavam diretamente comprometidos com o sexo biológico, de modo que se determinava, em primeira instância, o que era um homem e o que era uma mulher identificando as suas genitálias, e partindo-se daí impunham-se os comportamentos e formas de viver e pensar “adequados” a cada gênero. Hoje a discussão amplia-se e o gênero já não pode ser determinado pelo sexo biológico (SILVA, 2000; CRISTÓFARO; MANZI FILHO, 2015; FERREIRA; AGUINSKY, 2013).

Após distinguir gênero e sexo biológico, pode-se considerar a questão da orientação sexual homossexual, nesse sentido o indivíduo homossexual é aquele que sente atração sexual e/ou afetiva por pessoas do mesmo sexo biológico e/ou gênero. É relevante esclarecer a diferença entre orientação sexual, sexo e gênero, assim homossexual masculino, por exemplo, é um homem que se reconhece como homem e que se interessa afetiva-sexualmente por outros homens, não rejeitando, ou sentindo como estranhos, sua genitália e seu gênero, portanto homossexual não é alguém que se reconhece como pertencendo a outro sexo ou gênero (FIGUEIRÓ, 2007).

Apesar das relações homossexuais serem descritas mesmo no período da Grécia Antiga, para Ferreira e Aginsky (2013) é no cristianismo onde essas

relações passam a ocupar um lugar de exclusão, onde o sexo fica restrito ao casamento heterossexual que visa à procriação. Neste período a homossexualidade é classificada como pecado, e até os dias atuais essa é uma das bases para estigmas¹, intolerância e discriminações contra homossexuais. Posteriormente a homossexualidade deixa de ser tida como pecado para “tornar-se” doença de acordo com a medicina. Prosseguindo no tempo a homossexualidade passa a ocupar o lugar de crime, sendo punida pela justiça de diversos países, realidade ainda atual em diversas partes do mundo (ILGA, 2012 citado por FERREIRA; AGUINSKY, 2013).

A história da homossexualidade relaciona-se à história do preconceito² e da homofobia, imposta pela heteronormatividade da sociedade. Assim a sexualidade socialmente ocupou, e ainda ocupa, um lugar restrito, carregado de proibições e padrões a serem seguidos, conduzindo às construções patologizantes e estigmatizantes acerca da homossexualidade (ARAÚJO, 2002).

Historicamente a homossexualidade esteve em lugares de ato pecaminoso, doença, perversão, transgressão e anormalidade e são esses lugares, dados ideologicamente no mundo ocidental, que vão ser determinantes para aquilo que na sociedade contemporânea é chamado de homofobia, uma das muitas formas de prenoção e discriminação (PRADO; MACHADO, 2008).

O conceito de homofobia diz respeito à aversão, ao horror e/ou ao medo que as pessoas sentem em relação aos homossexuais. Entende-se homofobia como a aversão e/ou a discriminação a pessoas de orientação homossexual, ou outras orientações afetivo-sexuais diferentes da heterossexualidade (FIGUEIRÓ, 2007). Posteriormente, o termo homofobia dividiu-se para especificar os tipos de discriminação contra a diversidade sexual, como a lesbofobia (contra mulheres de

¹ O estigma de acordo com Omote (2004) citado por Rudnicki, Schäfer e Silva (2017) consiste em uma marca social, que existe para sinalizar uma identidade social da qual deve-se evitar contato, portanto deve ser excluída, em síntese, é o sinal para a exclusão social de uma categoria.

² Prado e Machado (2008) compreendem o preconceito como um fenômeno psicossociológico, pois simultaneamente opera na dimensão individual e coletiva, não se tratando apenas de um fenômeno da racionalidade individual, mas sim algo que se forma a partir de determinações sociais concebidas por valores e ideais que mesmo sendo sociais acabam por se manifestar na individualidade.

orientação homossexual - lésbicas) e a transfobia (contra pessoas transexuais e travestis) (IRINEU, 2014).

A sociedade ocidental e sua história configuram-se como determinantes para a homofobia. Prado e Machado (2008) concebem a homofobia partindo da heteronormatividade constituída numa hierarquia da sexualidade, onde a orientação homossexual é colocada em lugar inferior à heterossexualidade, gerando a violência contra homossexuais.

É no campo de prejulgamentos e injustiças da cultura heterocêntrica que emergem os grupos militantes que por meio dos movimentos sociais visam não apenas combater a discriminação, mas reconfigurar o lugar da homossexualidade na sociedade.

A questão agora é o combate à homofobia de modo efetivo, respeitando as subjetividades, os contextos sociais e os direitos humanos das vítimas e dos homofóbicos. A reflexão de Prado e Machado (2008) coopera ao pensar não só no combate, mas também na superação e no enfrentamento da violência contra homossexuais:

O preconceito opera, ao mesmo tempo, na dimensão do indivíduo e da coletividade e não pode ser compreendido apenas na dimensão da racionalidade individual, uma vez que se estrutura a partir de um conjunto abstrato de valores sociais que só encontra substância no comportamento individual, motivo pelo qual deve ser considerado um fenômeno psicossociológico. Neste sentido, para superar o preconceito contra GLBTs (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis) seria necessário deslocar a “questão” da homossexualidade do âmbito individual para a sociedade, que discrimina negativamente a homossexualidade (PRADO; MACHADO, 2008, p.75-76).

A partir do estabelecimento dos estigmas, determinantes no processo de concepção da homofobia, os homossexuais e pessoas de outras orientações sexuais unem-se para constituir os movimentos antiestigma, na luta contra o preconceito e a favor dos direitos dessa população, hoje chamada de população LGBT³. Esses movimentos são fundamentais para a reformulação do pensamento ocidental sobre a homossexualidade e a sexualidade em seu todo (PRADO; MACHADO, 2008).

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

Assim não se pode falar em combate a homofobia sem se reconhecer a importância dos movimentos sociais contra o preconceito e discriminação. Os primeiros países militantes a partir de movimentos homossexuais organizados foram a Alemanha e Estados Unidos, na Alemanha esse movimento dissolveu-se com o regime Nazista que matou mais de 200 mil homossexuais. Na década de 60 os movimentos hippie e feminista foram determinantes na estruturação de um movimento GLBT⁴ fortalecido (FIGUEIRÓ, 2007).

Já no Brasil o primeiro movimento GLBT organizado surgiu no final da década de 1970, denominado “Somos”. Nas décadas de 1980 e 1990 os movimentos GLBT foram abalados pelo advento do HIV/AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), pois os homossexuais foram os primeiros afetados pela doença, o que acabou por fortalecer os estigmas homofóbicos, onde a AIDS foi chamada, até mesmo pela mídia, de “câncer gay” (FIGUEIRÓ, 2007).

Ao longo da história centenas de movimentos LGBT surgem, militando de diferentes formas, com o mesmo objetivo de combater a violência contra a diversidade sexual, conduzindo a significativas reformas sociais.

Contudo ainda hoje, no Brasil e no mundo, a homofobia está muito presente, manifestando-se de diversas formas, desde por palavras e discursos ofensivos, até por agressões e assassinatos da população LGBT (BRASIL, 2016).

No Brasil, a questão da homofobia exige posicionamentos do Estado, já que se caracteriza como uma violência consideravelmente presente em todo o território nacional. De encontro a isso se dá a criação do Programa Brasil Sem Homofobia (BSH), concebido com base no Plano de Combate à Discriminação contra Homossexuais do Plano Plurianual - PPA 2004-2007, lançado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos. O programa tem como propósito combater a violência e a discriminação contra LGBTs e promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, diversas ações foram lançadas por meio do programa (CONSELHO, 2004).

Com o BSH compromissos foram firmados, como as Conferências Nacionais de Políticas Públicas de LGBT, outros eventos e organizações foram apoiados na

⁴ Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

luta contra a discriminação no campo dos direitos humanos e da saúde. As ações do BSH também foram significativas para os avanços no campo da justiça, visando garantir os de direitos civis da população LGBT (REIS, 2004).

Contudo, as ações do programa requerem aperfeiçoamento, pois diversas atividades apresentam-se como “[...] dispersas e sem continuidade, envolvendo muito mais as próprias ONGs que fazem ativismo do que órgãos estatais” (IRINEU, 2014, p.199).

Posto isso, as ações existentes ainda não permitem chegar nem próximo a um lugar ideal de um país sem homofobia, como indicam dados do Governo no período de 2011 para 2012, em que o número de atos considerados de violência homofóbica cresceu mais de 45% (BRASIL, 2016).

Em meados de 2014 ocorreu uma situação em que grupos de homofóbicos, propuseram e alimentaram um projeto ou teoria para a “cura gay”, como foi o caso da psicóloga paranaense, que se autodenominando cristã, posicionou-se a favor do projeto no Congresso Nacional (IG, 2014), patologizando assim a homossexualidade, apesar da resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em seu parágrafo único determinar que “Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). Diante disso, o CFP em nota publicada no dia 7 de maio de 2013 em seu site oficial, deixou claro, novamente, o papel do psicólogo de não favorecer a patologização da homossexualidade, além de enfatizar o repúdio à violência contra os homossexuais (CFP, 2013).

Mais recentemente, no ano de 2017, a Justiça Federal do Distrito Federal, a partir de ação movida por psicólogos a favor da terapia de reversão da homossexualidade, concedeu uma liminar que permite que psicólogos realizem essas terapias reversivas sem sofrerem censura do CFP, esses psicólogos consideram a resolução 001/99 um ato de censura impeditiva de atendimentos, estudos e pesquisas sobre o tema. Nessa situação o CFP manifestou-se em nota em seu site: “A ação foi movida por um grupo de psicólogas (os) defensores dessa prática, que representa uma violação dos direitos humanos e não tem qualquer embasamento científico” (CFP, 2017).

Diante do exposto, se faz necessário pensar o lugar da psicologia no combate à discriminação e na luta pelos direitos LGBT. A resolução 001/99, lançada em 22 de Março de 1999 pelo CFP, estabelece as normas da atuação do psicólogo no que se refere à questão da orientação sexual, propondo claramente as normas de trabalho para todos os psicólogos no Brasil, contra o preconceito e discriminação contra a homossexualidade.

Assim, o CFP se posiciona determinando a não patologização dos homossexuais e o não tratamento da homossexualidade, já que esta não se caracteriza como doença. Posto isso, a Psicologia exerce e deve exercer um lugar também militante contra a homofobia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999) e no tratamento e assistência referentes às consequências dessa violência na vida de suas vítimas, trabalhando, sobretudo no enfrentamento e na prevenção, assim como na problematização da homofobia no que se refere às pessoas que cometem os atos violentos. Cabe aos psicólogos ainda ampliarem os conhecimentos relativos aos impactos da discriminação e violência sobre esta população.

A homofobia mais do que um tema recorrente na sociedade brasileira, é uma realidade não incomum que afeta, em diversos níveis e diferentes formas, a população LGBT. A violência homofóbica apresenta-se com muitas faces, seja na forma de ofensas verbais e exclusão social ou outras, como agressão física, deixando marcas psicológicas e/ou físicas consideráveis, devido a questões relacionadas à condição sexual.

Os dados do Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, do ano de 2013, indicam 1.965 denúncias registradas a respeito de 3.398 violações contra a população LGBT, sendo 1.906 o número de vítimas para 2.461 agressores. Apesar dos altos índices de violência, tais dados apontam para uma queda dos registros ao Disque 100 de 44,1% em relação a 2012 (BRASIL, 2016). No que se refere ao perfil da maior parte da população LGBT agredida o relatório verificou que é constituído por pessoas do sexo biológico masculino (73%), gays (24,5%), jovens (54,9%), pretos e pardos (39,9%) e travestis/transsexuais (17,8%) (BRASIL, 2016).

Os dados relativos ao número de casos de agressão que atinge a população de homens homossexuais apontam para a relevância do tema e para a necessidade dos psicólogos se aprofundarem nessa questão, para a preservação da integridade

do sujeito considerando suas características, condições, realidades e subjetividades, desvinculada de intolerâncias, estigmas e discriminações sejam quais forem, o que deu origem ao referido estudo, orientado pelas seguintes questões que constituem o problema de pesquisa: *Quais os efeitos psicossociais da violência gerada pela homofobia na perspectiva do homem homossexual agredido? Quais mecanismos homens homossexuais utilizam para lidar com os atos de violência homofóbica?*

O estudo torna-se ainda mais relevante, na medida em que possibilita uma reflexão sobre as questões que envolvem a homofobia, não só considerando a literatura, mas, sobretudo, ao buscar desvelar o tema, a partir da vivência pessoal do indivíduo agredido. Apontam-se também como possíveis benefícios do estudo, possibilitar aos participantes da pesquisa um espaço de reflexão acerca do tema e promover o debate e a reconfiguração do lugar da homossexualidade junto à sociedade e aos profissionais da área de Psicologia e, assim, contribuir para o desenvolvimento e construção de políticas públicas que atendam às demandas sociais da população LGBT e garantam seus direitos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Conhecer os impactos da violência gerada pela homofobia nos múltiplos âmbitos da vida de homens homossexuais com vivência de agressão e as formas que lidam com as questões.

2.2 Objetivos Específicos

Discorrer sobre sexualidade e implicações sociais relacionadas à homossexualidade.

Verificar o significado da violência homofóbica na perspectiva de homens *gays* que relatam ter sofrido esse tipo de violência.

Identificar como estes indivíduos agredidos lidam com as questões geradas pela homofobia.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Método

O estudo consistiu em uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória é o tipo de pesquisa que visa produzir familiaridade com o tema ou problema e/ou construir hipóteses. Esse tipo de pesquisa implica em maior flexibilidade no planejamento considerando os diversos aspectos referentes ao problema estudado.

Quanto aos procedimentos, o estudo envolveu pesquisa bibliográfica e levantamento. A pesquisa bibliográfica consiste na pesquisa desenvolvida a partir de artigos científicos e livros, materiais já elaborados (GIL, 2002). Essa pesquisa foi realizada com base na leitura de artigos científicos pesquisados nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde-BVS, Psycodoc, entre outras, utilizando-se dos descritores: homofobia, sexualidade, homossexualidade, discriminação social, ajustamento social. Foram também realizadas consultas a livros sobre os temas psicologia e sexualidade.

O levantamento ocorreu junto a quatro homens *gays* que declararam ter vivido violência homofóbica. Gil (2002) descreve o levantamento como um tipo de pesquisa onde as pessoas são interrogadas diretamente, visando assim conhecer seus comportamentos acerca do fenômeno estudado. Para o levantamento foi usada a técnica de entrevista, que Marconi e Lakatos (2003, p.195) entendem como “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional [...]”. As mesmas autoras reconhecem também que a entrevista é um instrumento útil como forma de coleta de dados, também servindo para cooperar no estabelecimento de um diagnóstico e/ou esclarecimento e tratamento de um problema social.

3.2 Local do estudo

As entrevistas foram realizadas no Laboratório de Práticas do Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo - Campus Pompéia.

3.3 Participantes e critérios de inclusão

O perfil dos participantes do estudo foi: homem (gênero e sexo biológico), homossexual, com idade entre 18 e 30 anos, residente na cidade de São Paulo, que tenha passado por uma situação de violência homofóbica, seja ela verbal, física ou psicológica. O primeiro convidado a participar da pesquisa foi uma pessoa pertencente à rede de relacionamentos do aluno graduando responsável pela pesquisa. Os demais sujeitos foram indicados pelo (s) anterior (es) (bola de neve), considerando-se como critério para interromper a coleta de dados o número de quatro participantes constituindo uma amostra por conveniência.

No aceite em participar da pesquisa, os interessados tiveram ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento que assegura o sigilo das informações, o direito a abandonar a pesquisa no momento em que quisessem e foram consultados quanto à possibilidade de permissão ao pesquisador para que a entrevista fosse gravada, documento que leram e assinaram (APÊNDICE A). Foram informados ainda que em caso de não aceitarem, as informações seriam registradas pelo aluno pesquisador.

3.4 Riscos e Benefícios

Uma vez que a pesquisa oferecia o mínimo risco de o entrevistado ser afetado emocionalmente ao relatar questões de vivência pessoal, a entrevista ocorreu no Laboratório de Práticas do curso de Psicologia, espaço capaz de oferecer suporte psicológico, caso necessário.

Considerou-se também como benefícios a ampliação da produção científica sobre o tema, de modo que possa colaborar no desenvolvimento das ciências, em especial da Psicologia, na luta com a homofobia, a homossexualidade, o preconceito e a discriminação.

3.5 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento de pesquisa para o levantamento foi um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE B), direcionado a obter material para a análise por meio de informações sobre a temática investigada. A função do roteiro foi auxiliar o pesquisador a abordar o assunto, porém, a obtenção de informações detalhadas dependeu do participante.

3.6 Procedimento de Coleta e Análise de Dados

O convite para participar da pesquisa e coleta de dados teve início após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP) do Centro Universitário São Camilo. As pessoas foram convidadas por meio de uma carta convite (APÊNDICE C) elaborada pelo responsável pela pesquisa contendo as primeiras informações a respeito da proposta do estudo. Na carta convite foram explicitados o objetivo da pesquisa, a forma de participação, que seria dar uma entrevista, no Laboratório de Práticas do Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo e a existência de um Termo de Consentimento, visando garantir o sigilo de suas respostas e a possibilidade de desistência em qualquer momento.

A primeira carta convite foi enviada por um e-mail criado para a pesquisa a uma pessoa do relacionamento do pesquisador e que atendia ao perfil exigido pelo estudo. A ela foi solicitado que indicasse o nome de uma ou mais pessoas que se enquadrassem ao perfil solicitado e pedisse às pessoas indicadas, que entrassem em contato com o pesquisador aluno, via e-mail da pesquisa. O pesquisador retornou enviando a carta convite por e-mail aos interessados.

Após o recebimento da carta, os convidados a participar da pesquisa confirmaram o interesse, respondendo por meio do e-mail. No momento da confirmação pelo interessado, foi agendado dia e hora para a realização da entrevista e reafirmado o endereço do local, Centro Universitário São Camilo-Pompéia.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista individual, em dia e horário previamente agendados, conduzida pelo aluno pesquisador responsável, que inicialmente esclareceu os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa, e apresentou o Termo de Consentimento, reafirmando que o documento garantia que sua identificação fosse omitida, que quaisquer informações que pudessem favorecer sua identificação seriam preservadas e de seu direito de desistência a qualquer momento sem ônus. Após as explicações, o aluno pesquisador responsável solicitava que o participante registrasse seu consentimento, alertando que ao assinar o documento estaria autorizando que a entrevista fosse gravada.

O material coletado nas entrevistas foi analisado com base na Análise do Discurso, tipo de análise utilizado em pesquisas qualitativas, que tem como foco “o conteúdo da fala em seu assunto e em sua organização mais social do que propriamente linguística” (EDWARDS; POTTER, 1992, p.28 citados por FLICK, 2009, p.302) permitindo por meio da linguagem e sua interpretação, chegar a uma estrutura profunda do texto analisado (MINAYO, 2006) e à análise de fenômenos psicológicos e sociais. O material coletado nas entrevistas foi relacionado com o referencial teórico obtido por meio da pesquisa bibliográfica.

4 SEXUALIDADE E IMPLICAÇÕES SOCIAIS RELACIONADAS À HOMOSSEXUALIDADE

4.1 Em busca de um conceito de sexualidade

O conceito de sexualidade é difícil de ser definido, pois é preciso pensar em que visão da sexualidade se está falando. No que se refere à Psicologia é preciso ter clara a abordagem em que se está baseado, pensando a partir de qual escola se está olhando para a sexualidade (BEARZOTI, 1993).

A dificuldade na definição de sexualidade relaciona-se ao fato desta ser um aspecto extremamente relevante no tocante à existência humana, de maneira que a sexualidade está intrincada num conjunto de dimensões, como fisiológica, social, psicológica, religiosa e cultural, entre outras. Além disso, são inúmeras as ciências que se dedicam ao estudo da sexualidade, a partir de diferentes pontos de vista (PONTES, 2011).

Pontes (2011) escreve sobre a complexidade da sexualidade, como justificativa para a dificuldade de se estabelecer uma definição única, universal e imutável para conceitua-la, tendo em vista sua própria história, que está em constante modificação, sua variabilidade e diversidade, não só ao longo da história da humanidade, mas também no decorrer do ciclo de vida de uma pessoa, posto que a sexualidade de um adolescente não é igual a de um idoso, considerando-se aspectos orgânicos, psicológicos e sociais característicos de cada etapa do desenvolvimento.

Em nível de senso comum, em geral a sexualidade é tida como sinônimo de genitalidade e nessa perspectiva, a palavra sexualidade traz uma ênfase ao ato sexual (BEARZOTI, 1993). Um dos autores que ampliou o conceito de sexualidade foi Freud, indo muito além da concepção desta como ato sexual, Bearzoti (1993) sobre Freud e sua contribuição escreve:

Freud dá ao termo um significado bem mais amplo situando sexualidade tanto aquém como além do ato sexual. Ele prefere falar em psicosexualidade. Freud usa a palavra sexualidade dentro da mesma conotação que na língua alemã se emprega o termo "*lieben*" (amar). Sexualidade vai além da reprodução; Freud identifica o instinto sexual já na infância e detecta a presença dos germes dos impulsos sexuais no recém-nascido; considera o homossexualismo; leva em conta a sublimação; até nos chistes ele identifica a sexualidade; etc. (BEARZOTI, 1993, p.3).

A partir da reformulação de sexualidade proposta por Freud, diversos outros autores inauguram novas concepções e definições da sexualidade. Nesse sentido a OMS (Organização Mundial de Saúde) estabelece a seguinte definição:

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem sempre elas são todas experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (OMS citada por PONTES, 2011, p.23-24).

Prado e Machado (2008) fomentam a discussão a respeito da amplitude da sexualidade, apontando-a como uma dimensão da vida permeada por questões inumeráveis, e também como um elemento fundamental que compõe a identidade de uma pessoa, “[...] através dela, todo um universo de desejos, crenças e valores são articulados, definindo um amplo espectro do que entendemos como sendo a nossa identidade” (Prado; Machado, 2008, p.7). Esses autores ainda apontam para a dimensão histórica da sexualidade referindo-se a ela como um “*jogo*”:

Todavia, como veremos, esse jogo não se faz à margem da história; muito pelo contrário, ele se fabrica no intercâmbio de significados e contextos que ocorre entre o “eu” e o “outro”, o “eu” e o “nós”, o “nós” e o “eles”, enfim, acontece na troca reinterpretação de significados e interações sociais e institucionais que criam posições sociais e, conseqüentemente, posições identitárias e políticas. As sexualidades sempre participaram da estruturação das hierarquias sociais, fazendo parte do debate político. Vários historiadores e tratados bibliográficos que retomam os tempos históricos evidenciam a intensidade e os caminhos pelos quais as formas de sexualidades são e foram objeto de disputa, de controle social e individual, de emancipação ou violência contra a pessoa humana (PRADO; MACHADO, 2008, p.7).

Posto isto, se faz necessário discorrer um pouco acerca da história da sexualidade, história essa intimamente relacionada à da vida humana.

4.2 Breve histórico sobre a sexualidade: a perspectiva foucaultiana

Para falar sobre a história da sexualidade nas sociedades ocidentais é necessário recorrer a Michel Foucault (1988), que aborda os dispositivos de controle da sexualidade. O autor escreve que no decorrer da história a sexualidade é objeto de preocupação moral, e assim ele apresenta aquilo que denomina como

dispositivos de controle dos comportamentos e práticas sexuais, que vão sendo alterados no decorrer do processo histórico, como a nobreza, a Igreja, a ciência e o Estado, esses dispositivos estabelecem-se a partir dos "[...] valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda" (FOUCAULT, 1988 citado por ARAÚJO, 2002, p.74). Assim:

[...] diferentes instituições ideológicas, tais como a família, a religião, a medicina, o sistema escolar, de justiça, de segurança, entre outras constroem significados sobre a sexualidade e o gênero ditando modelos de normalidade e de comportamento, produzindo saberes de controle sobre corpos e desejos (FOUCAULT, 1988 citado por FERREIRA; AGUINSKY, 2013, p. 224).

Favorecendo ainda esse discurso, Foucault prossegue dizendo que a sexualidade é um construto social, de modo que vai sendo construída sócio historicamente "[...] ou seja, depende da cultura e das relações sociais estabelecidas, o que possibilita pensar em diferentes formas de viver [...]" (FOUCAULT, 1988 citado por BORGES et al. 2013).

Araújo (2002) conclui a importância dos estudos de Foucault para a compreensão da sexualidade:

Os estudos de Foucault nos mostram, portanto, que a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais. É produto de forças sociais e históricas. É a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias. A história da nossa concepção de corpo e sexualidade é a história dos sistemas de valores fundamentais em cada sociedade (ARAÚJO, 2002, p.75).

Nota-se que Foucault foi um dos principais pensadores no que se refere à sexualidade no mundo ocidental, para tanto ele precisou percorrer a história desse aspecto básico da humanidade. Passa-se agora a uma rápida retomada cronológica da sexualidade vivida no mundo ocidental.

Pensar sobre a sexualidade no mundo ocidental contemporâneo conduz a levar em conta as concepções acerca do amor e do casamento, Araújo (2002) ao pensar sobre o percurso histórico da sexualidade relembra que o casamento da antiguidade a Idade Média tinha uma função e representação diferente do casamento moderno que se pauta na consensualidade e na paixão amorosa. Naquele período o casamento consistia em um negócio entre famílias, "um contrato

que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas.” (ARAÚJO, 2002, p.70), sendo a relação sexual prioritariamente restrita a reprodução e devendo pertencer apenas ao casamento heterossexual, desconsiderando-se o aspecto do prazer dessas relações.

Em parte desse período a igreja (Católica Apostólica Romana) ainda não interferia diretamente no casamento, que se dava privativamente pela nobreza, com propósitos de transmissão de títulos e herança, além de alianças políticas entre as famílias. Após o século V, juntamente com a queda do Império Romano e a ampliação do cristianismo, a igreja passa a ter um lugar determinante, não só no casamento como na sexualidade e, num processo gradual o casamento é subjugado ao poderio clérigo, que primeiro determina este como um “[...] 'freio' para os libertinos [...] recomendado como uma 'concessão' e não como um mandamento, somente para evitar a 'impudica'" (ARAÚJO, 2002, p.71).

Mais tarde, entre o século XII e XIII, sacraliza-se o casamento e determina-se a sexualidade como componente do matrimônio, tendo como único propósito a procriação (ARAÚJO, 2002). A passagem do livro de Gênesis da Bíblia Cristã confirma a perspectiva da Igreja sobre o sexo para a reprodução: “Mas vós frutificai e multiplicai-vos, povoai abundantemente a terra, e multiplicai-vos nela” (BÍBLIA, Gênesis, 9,7, 2014).

Tudo aquilo que ultrapassa a sexualidade heterossexual, as relações monogâmicas e com propósitos reprodutivos caracteriza-se como pecado, além de o casamento conceber-se como indissolúvel, sendo período também que se prega a renúncia aos prazeres da “carne”, sacralizando-se a virgindade, a continência e a castidade (ARAÚJO, 2002). A partir de então a sexualidade em todos os seus aspectos acaba sendo subjugada ao poder religioso, como afirma Flandrin (1987) citado por Araújo (2002), é a moral cristã que estabelece as regras sobre a sexualidade, que além das questões já citadas, também proíbe a contracepção e as atividades sexuais fora do casamento entre um homem e uma mulher.

Posteriormente ao período da sexualidade sob o poder da Igreja, a sexualidade é colocada sob o poder da ciência e do Estado, tendo como elemento central para essa troca de poderes a revolução burguesa, esse é o momento em que o clero perde seu “reinado” nas sociedades ocidentais dando lugar à racionalidade, à

moralidade e à política (CARRARA, 2015), que ainda assim tem seus alicerces naquilo que a moral cristã anteriormente já havia imposto. A partir de então a sexualidade começa a ser explicada e influenciada por uma perspectiva biomédica (CARRARA, 2015). A cerca desses dados históricos Araújo (2002) propõe:

Nos séculos XIX e XX, instituiu-se um discurso disciplinador para suprimir as formas de sexualidade não relacionadas com a reprodução e com o casamento como lugar legítimo da sexualidade. Através desses discursos, multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental: da infância à velhice foi definida uma norma de desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se os controles pedagógicos e os tratamentos médicos. Até o século XVIII, o sexo lícito era restrito às relações matrimoniais e carregado de prescrições. Romper as regras do casamento ou procurar prazeres estranhos merecia a condenação moral e jurídica. As práticas sexuais fora do casamento – sexualidade das crianças, homossexuais, perversões, devaneios, obsessões, etc., eram consideradas “contra a natureza”. Os libertinos carregavam o estigma da “loucura moral” neurose genital, desequilíbrio psicológico, etc. (ARAÚJO, 2002, p.74).

Nesse novo período histórico a sexualidade que vai além do casamento heterossexual monogâmico - tido como modelo “por ser a configuração mais ‘natural’ para a produção de uma prole sadia e eugênica, ou seja, por servir aos interesses do Estado em relação à manutenção e a reprodução de determinada ‘população’ ou ‘raça’.” (CARRARA, 2015, p.328) - deixa de ser pecado para tornar-se doença ou desequilíbrio. Nesse momento ampliam-se também os mecanismos de controle sobre a sexualidade e a medicina passa a interferir nos prazeres sexuais, formulando uma patologia e uma psicopatologia para as práticas sexuais “incomuns”, e isso inclui as perversões e a homossexualidade (ARAÚJO, 2002). Nessa nova etapa da histórica o Estado passa a considerar de seu interesse a sexualidade, de modo que este começa a estabelecer as obrigações e os deveres das relações, além disso, o casamento monogâmico heterossexual está também a serviço do novo sistema estabelecido, o capitalismo, é a heterossexualidade que permitirá ao casal:

[...] se reproduzir e acumular o capital por meio do matrimônio, legitimando as posses materiais hereditárias através da propriedade privada. O casamento também começou a ser valorizado porque interessava à manutenção das classes sociais, já que os sujeitos unidos em matrimônio eram considerados uma única célula de controle (FERREIRA; AGUINSKY, 2013, p.224).

Ainda na perspectiva foucaultiana, a sexualidade passa ao poder do Estado guiado pelas instituições ideológicas, e isso inclui a ciência, deparando-se com dispositivos que deixam de ser apenas de poder, para serem dispositivos de saber e poder, saber no sentido da infinidade de conhecimentos construídos sobre a sexualidade. Esses mesmos saberes embasam o uso do poder no controle da sexualidade até os dias atuais (FOUCAULT, 1988).

Foucault ainda discorre acerca dos discursos sobre a sexualidade nas sociedades ocidentais. Para o autor, estas sociedades a partir do século XVII passam a reprimir a sexualidade por meio da incitação dos discursos, de maneira que não é proibido falar sobre o sexo, pelo contrário, estabelecem-se muitos discursos, porém ideológicos e disciplinadores a serviço do controle social, visando "[...] suprimir as formas da sexualidade não relacionadas com a reprodução e com o casamento como lugar legítimo da sexualidade" (FOUCAULT, 1988 citado por ARAÚJO, 2002, p.74).

Carrara (2015) também aborda o lugar do Estado levando-se em conta questões jurídicas organizadoras da sociedade:

Nos códigos penais desse período, por exemplo, o que se protege é fundamentalmente o "direito" dos cidadãos de realizarem o ideal do casal monogâmico, dotado de prole mais ou menos numerosa. Condenavam-se, assim, conjuntamente, o adultério, o aborto, a prostituição, a homossexualidade, o defloramento, a sedução, o estupro, o rapto, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis etc. Enfim, um dos mais notáveis e conhecidos efeitos desse regime foi a entronização do casal heterossexual reprodutivo como norma biológica e moral, cuja promoção e defesa tornam-se de "interesse público" (CARRARA, 2015, p.327).

É todo esse processo histórico da sexualidade que coopera na construção do preconceito, da discriminação e das inúmeras outras formas de violência contra as diversidades, assim como escreve Carrara (2015):

Sobre alguns grupos, cujas práticas sexuais não visavam ou não permitiam uma reprodução considerada "saudável", desencadearam-se processos específicos de desumanização que implicaram sua morte social [...] Foi o caso de prostitutas,⁵ homossexuais, portadores de doenças sexualmente transmissíveis e todo um rol de antigos libertinos que, "compreendidos" nas múltiplas categorias dos distúrbios psiquiátricos, passaram a ser considerados socialmente perigosos (CARRARA, 2015, p.327).

Pensando especificamente na homossexualidade, o que se nomeia hoje de homofobia ou violência homofóbica tem sua essência no entendimento da homossexualidade como pecado, e posteriormente como patologia e transgressão.

4.3 A questão de gênero e a Teoria *Queer*

Estudar a sexualidade envolve percorrer por diversos campos e é necessário compreender múltiplos aspectos que se relacionam, interagem e determinam a sexualidade, desse modo um dos principais temas a serem abordados Nessa temática é a questão de gênero, aspecto amplamente discutido na contemporaneidade.

Não há um consenso entre os autores em relação ao conceito de gênero, de maneira que pode ser classificado e compreendido por diversos ângulos. Para início de uma discussão a esse respeito, uma possível perspectiva para se conceber gênero é a partir de uma concepção dicionarizada, que caracteriza gênero como aquilo que “[...] emerge da diferenciação sexual do reino animal e vegetal baseado naquilo que não é idêntico, inscrito na biologia” (HEILBORN, 1990 citado por TONINETTE, 2009, p.26). Tal concepção, ainda que seja a origem do conceito de gênero, hoje está mais apropriada para a definição de sexo biológico, uma vez que definido pelo órgão genital a relação entre esses dois conceitos, sexo e gênero, dá-se quando o pênis passa a ser um elemento do gênero masculino e a vagina um elemento do gênero feminino, contudo essa dicotomia hoje não é, e provavelmente nunca tenha sido, efetiva ou de fato coerente na questão de gênero, e da sexualidade como um todo, assim propõe Toniette (2009):

A construção dos gêneros está baseada em um sistema particular de valores culturais, conjunto de práticas, formas simbólicas, representações, normas e valores sociais, que moldam o corpo humano e suas práticas em noções de masculinidade e feminilidade (Parker, 1991; Barbieri, 1991). Como aponta Scott (1995), o gênero refuta a ideia de diferenciação entre pessoas a partir do determinismo biológico implícito do uso de termos *sexo* e *diferença sexual*, sendo que o uso do termo gênero enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. Portanto, o gênero não deve ser compreendido a partir de um pensamento dicotômico macho/fêmea; masculino/feminino/ razão/emoção; público/privado, mas circunscrito em uma esfera relacional entre pessoas [...] (TONINETTE, 2009, p.26).

É necessária uma reflexão sobre sexo biológico e gênero, considerando o funcionamento dinâmico da sexualidade, de modo que gênero está muito mais relacionado ao modo como a pessoa se sente e se coloca no mundo, do que com aspectos biológicos de seu corpo, de maneira que “gênero implica *lugar e papéis* sociais determinados” (CRISTÓFARO; MANZI FILHO, 2015, p.32).

Bento (2006) citado por Ferreira e Aginsky (2013, p.225) fomenta a discussão sobre gênero considerando a cultura como determinante sobre o que se formula como gênero: “O gênero é compulsoriamente inscrito no corpo assim que esse nasce e, antes mesmo de nascer, no conjunto de expectativas e pressuposições de comportamentos, gostos e subjetividades. É quando o corpo é maculado pela cultura”. Contribuindo para essa discussão, Butler (2003) escreve que a cultura compreende a biologia como destino, e essa distinção entre sexo biológico e gênero surge para questionar esse falso determinismo, pois ainda que o sexo pareça rígido no sentido biológico, o gênero é uma construção cultural, não sendo, portanto fixo, nem resultado causal do sexo. Desse modo é a cultura que estabelece o destino, estabelecendo quem deve ser o homem e quem deve ser a mulher, determinando um binarismo cultural.

Observando-se os elementos históricos que são a base da dicotomia masculino e feminino como concepções de gênero, Silva (2000) escreve que na diferenciação entre gêneros feminino e masculino estabelecem-se normas que diferenciam os sexos, determinando comportamentos, modos de ser e agir no mundo “adequados” a um gênero e não a outro. Aspectos político-ideológicos vão configurar as diferenças entre os sexos, que são as bases da construção dos conceitos de gênero, e a dicotomia entre eles. As diferenças entre os sexos, ainda atrelados ao gênero, acabam por impor “diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa [...]” (COSTA, 1995, p.110-111 citado por SILVA, 2000, p.9). A questão de gênero merece e exige maiores discussões levando-se em conta os diferentes contextos sócio-histórico-culturais e, sobretudo a questão da diversidade sexual.

Dentro do estudo de gênero e sexualidade se constitui uma teoria específica que aborda a questão partindo de um novo lugar, sustentando uma posição crítica quanto ao binarismo macho/fêmea e homem/mulher, nessa crítica Butler (2003,

p.24) escreve: “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito”. Sendo assim a partir do momento em que o sexo é separado do gênero, sendo dois elementos independentes o gênero torna-se um “artifício flutuante” (BUTLER, 2003, p.24), de maneira que nem sempre um corpo masculino, também signifique um homem em nível de gênero. É partindo dessas discussões e suas ampliações, que surge a Teoria *Queer*, carregada de particularidades.

A Teoria *Queer* surgiu no campo da Filosofia, nos Estados Unidos no final da década de 1980 e início da década de 1990, a partir de estudos de diversos autores como Lauletis, Sedgwick, Butler, Seidman, Warner, Preciado, Rubin, Halperin, Halberstan entre outros. Estes autores tinham sua base no encontro entre os estudos culturais norte americanos e o pós-estruturalismo francês - e desta junção surge a problematizadora das clássicas concepções de identidade e sujeito, a Teoria *Queer*. Apesar dos autores citados serem tidos como construtores da Teoria *Queer*, muitos deles não utilizavam esse termo nos seus estudos (MISKOLCI, 2009; SOUZA, 2017).

Foi Teresa de Lauletis que utilizou pela primeira vez a expressão Teoria *Queer* em uma conferência na Universidade da Califórnia e, posteriormente, em um artigo. Sua intenção era unir um termo tido como pejorativo “*queer*” - termo em inglês que “[...] tinha, originalmente, uma conotação negativa e agressiva contra aqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade.” (MISKOLCI, 2007b, p.2) - e a palavra “teoria” tão representativa e bem quista pelas ciências (SOUZA, 2017), problematizando desse modo as teorias e o conhecimento científico, acerca das identidades *gays* e *lésbicas*, tendo como objetivo não criar uma teoria, mas tornar *queer* uma teoria, que na verdade não se constitui como uma doutrina/escola particular, mas sim é formada pela problematização e questionamento das verdades universais, no campo da sexualidade e gênero (HALPERIN, 2003 citado por SOUZA, 2017). É a partir daí que se evidencia o objeto de estudo da Teoria *Queer*: “[...] a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais” (MISKOLCI, 2007b, p.2).

É, em Michel Foucault e em Jacques Derrida que os teóricos *queer* encontram elementos basilares para a concepção da teoria. A Teoria *Queer* se apropria da concepção de Foucault, que entende a sexualidade como um dispositivo de poder historicamente construído nas sociedades ocidentais modernas, de modo que a sexualidade passa a funcionar como um mecanismo formado por discursos e práticas sociais que objetivam a regulação social, tornando-se um objeto de muitas ciências como a sexologia, psiquiatria e educação, ciências essas que a descreve, normaliza e regula, determinando o aceitável e o perverso (MISKOLCI, 2007b; 2009). Derrida agrega à formulação da teoria a partir de seu conceito de complementariedade, segundo o autor "[...] nossa linguagem opera em binarismos, de forma que o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado" (MISKOLCI, 2007b, p.3), e, citando um exemplo, para sua própria definição a heterossexualidade necessita da homossexualidade, seguindo esse exemplo Miskolci (2007b) escreve:

[...] a heterossexualidade só existe em oposição à homossexualidade compreendida como seu negativo inferior e abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o Outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio (MISKOLCI, 2007b, p.3).

Partindo das concepções citadas, os autores *queer* passam a fazer análises sociais focando na ação dos mecanismos sociais relacionados ao binarismo hétero/homossexual como organizadores da vida social, concebendo a sexualidade como "[...] socialmente e culturalmente criada, historicamente variável, e uma questão política ao invés de biologicamente determinada, como se pertencesse à esfera da natureza ou fosse uma mera questão de escolha pessoal" (BUTLER, 1990; EDWARDS, 2005; JAGOSE, 1996; SEDGWICK, 2008; SEIDMAN, 1996; SULLIVAN, 2003 citados por SOUZA, 2017, p. 312).

Em suma a Teoria *Queer* se propõe a analisar a dinâmica do poder assimétrico presente na sexualidade, constituindo-se assim como uma abordagem construcionista social, na medida em que problematiza e questiona, a compreensão e funcionamento da identidade, em especial no que se refere à sexualidade, como princípio sócio-político e organizador, que faz das identidades, não apenas sexuais, produtos de relações de poder. Contudo a Teoria *Queer* é difícil de ser definida, pois sua proposta não é ser uma teoria sólida e consistente, mas sim elástica em

constante construção e questionamento, e é aí que se encontra a sua eficácia, na resistência a qualquer definição e na não aceitação das definições socialmente impostas sobre identidade e sexualidade (SOUZA, 2017; MISKOLCI, 2007b).

4.4 Identidade sexual e homossexualidade

A sexualidade em toda a sua amplitude traz alguns conceitos dinâmicos que estão em um funcionamento dialógico, e é necessário defini-los didaticamente para melhor compreensão do complexo fenômeno da sexualidade, componente da subjetividade humana. Um dos conceitos esclarecedores no estudo da sexualidade humana é o de identidade sexual, que consiste na auto identificação do sujeito como sendo homem ou mulher, seguindo-se aqui a linha binária (FIGUEIRÓ, 2007; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2004).

De acordo com Pontes (2011, p.167) a construção da identidade sexual “[...] é um processo de síntese da identidade de gênero e dos papéis sexuais, ou seja, da identificação de si próprio como homem ou como mulher e do assumir de comportamentos adequados ao seu sexo”. É importante ressaltar que, apesar de, a princípio se relacionar ao sexo biológico, nem sempre a identidade sexual está em conformidade com o sexo do indivíduo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2004). De acordo com Tucker e Money (1981) citados por Pontes (2011) o processo de formação da identidade sexual conclui-se até os três ou quatro anos da criança, quando ela registra em seu consciente, que é homem ou mulher, no entanto esse processo pode ser mais demorado em se tratando de hermafroditas (pessoas com genitália ambígua – pênis e vagina) e transexuais.

França (2009) propõe outra definição de identidade sexual, para a autora essa identidade vai se formando ao longo de toda a infância e adolescência e consiste na “[...] sensação interna sobre a capacidade de se relacionar amorosa e sexualmente com outra pessoa” (FRANÇA, 2009, p.24-25), sendo composta pela orientação sexual.

Outro termo importante de ser compreendido é o de orientação sexual, já definido anteriormente como sendo a atração sexual e/ou afetiva por uma pessoa de sexo diferente (orientação heterossexual) ou igual (orientação homossexual) (FIGUEIRÓ, 2007). O termo orientação sexual se contrapõe ao termo opção sexual, pois a atração sexual não é uma questão de escolha, mas uma questão

multidimensional, sem uma origem cientificamente definida, desse modo, assim como uma pessoa heterossexual não decidiu conscientemente sentir-se atraída sexualmente por pessoas do sexo oposto, o mesmo ocorre com os homossexuais e bissexuais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011). Ainda discorrendo sobre a orientação sexual compreende-se que ela traz em si alguns elementos, são eles, o desejo erótico, a atração romântica e o comportamento sexual, além disso, a orientação sexual é um dos componentes mais significativos da identidade pessoal (GATO et al., 2015).

São múltiplas as orientações sexuais, não se restringindo apenas à heterossexualidade e à homossexualidade, no entanto objetiva-se com o presente trabalho destacar a orientação homossexual e suas implicações sociais.

Antes de quaisquer discussões a respeito da homossexualidade se faz necessária uma conceituação, muito mais por questões acadêmicas, considerando-se a amplitude do sujeito. Figueiró (2007, p.33) traz uma concepção a respeito de quem é o homossexual: “Homossexual é a pessoa que sente atração afetiva e sexual por alguém do mesmo sexo.” A mesma autora citada esclarece a diferença entre orientação sexual e gênero, citando assim o exemplo do homossexual masculino, que se sente atraído por pessoas do mesmo sexo – orientação homossexual – mas sente-se sendo homem, que gosta de outros homens, não rejeitando ou sentindo como estranho a seu corpo e seu órgão sexual masculino. Essa distinção entre orientação sexual e gênero mostra-se relevante à medida que um erro muito comum ocorre quando se supõe que uma pessoa homossexual deseja pertencer ao outro sexo.

Além do termo “homossexual” é importante referir outro termo que se mostra importante na história da homossexualidade, em especial em sua militância antiestigma, o termo *gay*, que vem como oposição a palavra “homossexual” apropriada pela psiquiatria para patologizar esta sexualidade (MISKOLCI, 2007a), *gay*, portanto, propõe um novo “lugar”:

A palavra *gay*, embora tenha sido adotada contemporaneamente a partir do inglês, tem sua origem no latim tardio (*gaius*) de onde migrou para o francês arcaico (*gui*), com os significados de alegre, jovial e entusiasta. Originariamente, a palavra não tinha conotação sexual e isso pode ser observado na literatura americana, principalmente na anterior a 1920. Foi inicialmente nos EUA que esse termo adquiriu o

significado que tem hoje. Ao ser difundido do inglês para os países lusófonos, foi utilizado de forma pejorativa contra homens gays. Os próprios homossexuais, porém, apropriaram-se da palavra para se autodenominarem na busca de retirar a conotação negativa e insultuosa que lhes era atribuída (AMAZONAS; VERISSÍMO; LOURENÇO, 2013, p.633).

Após o esclarecimento acima acerca do ser homossexual, cabe agora pensar na história da homossexualidade. História essa intimamente relacionada com a da sexualidade em geral, muito mais no campo da repressão, do pecado e da patologia do que em qualquer outro.

As relações homossexuais sempre existiram apesar de nem sempre terem sido nomeadas, alguns dos primeiros relatos da homossexualidade vem do período da Grécia Antiga, onde as relações homossexuais serviam “[...] como instrumento de educação sexual entre homens mais velhos que ensinavam aos mais jovens o conhecimento dos seus corpos e das práticas sexuais” (ULLMANN, 2007 citado por FERREIRA; AGUINSKY, 2013, p.224). É com o cristianismo que essas relações passam a ocupar um lugar de exclusão, onde o sexo fica restrito ao casamento heterossexual monogâmico, com fins de procriação (FERREIRA; AGUINSKY, 2013) e a homossexualidade é classificada como pecado, e até os dias atuais essa é uma das bases para os estigmas, preconceitos e discriminações contra homossexuais.

Após o período religioso da sexualidade, a homossexualidade deixa de ocupar o lugar apenas de pecado, para ser tomada e vista como anormalidade ou patologia, de modo que até o ano de 1973, a homossexualidade, nomeada naquele momento de homossexualismo, estava presente na Classificação Internacional de Doenças (CID) (FERREIRA; AGUINSKY, 2013).

Além do estigma promovido pela religião, e posteriormente pela ciência/medicina, a homossexualidade é colocada no passado e ainda hoje no lugar da criminalidade, de modo que em diversos países ser ou manifestar a homossexualidade é considerado delito e conduz a duras penas judiciais dentre elas prisão, castigos físicos e pena de morte (ILGA, 2012 citado por FERREIRA; AGUINSKY, 2013).

A fala acerca da história da homossexualidade, necessariamente direciona à história do preconceito, da discriminação e da homofobia, mas também se faz

necessário levar em conta o conceito de heteronormatividade para se compreender o lugar discriminatório em que a homossexualidade foi colocada:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (BERLANT; WARNER, 2002 citados por MISKOLCI, 2007a, p.5).

O conceito acima descrito é facilitador no que se refere à compreensão das construções anormais, patológicas e estigmatizadas sobre a homossexualidade, serve também para pensar nos alicerces das questões contra homossexuais.

A discussão sobre a história da sexualidade mostrou o lugar restrito em que esta tinha permissão para se manifestar, que compreendia o casamento heterossexual entre um homem e uma mulher, sendo que todas as relações que não estivessem enquadradas nesse padrão eram relegadas ao lugar de promiscuidade, pecado, transgressão, doença e crime (ARAÚJO, 2002).

Para exemplificar o poder exercido pelo discurso heteronormativo, pode-se citar o nazismo, quando os homossexuais recebiam uma identificação específica nos campos de concentração nazistas, um triângulo, rosa para homens e preto para as mulheres. Até naquele contexto onde todos sofreriam e morreriam pelas mãos dos nazistas, os homossexuais ocupavam um lugar ainda menos “privilegiado” que os heterossexuais, e esse lugar de desprestígio se reforçou até mesmo junto aos inimigos do nazismo, as forças aliadas, que ao chegarem aos campos de concentração não liberaram imediatamente os homossexuais, como fizeram com os heterossexuais, pois para países das forças aliadas, a homossexualidade ainda era considerada crime, como no Código Prussiano, por exemplo, em que judeus, negros e outras “minorias” foram libertos, mas o poder da heteronormatividade manteve por mais tempo os homossexuais nos campos de concentração (TEIXEIRA FILHO, 2011).

5 HOMOFOBIA E MOVIMENTO LGBT

5.1 Sobre violência e homofobia

É impossível falar em diversidade sexual sem passar pelo conceito de violência. A palavra violência deriva do latim “*vis*” significando vigor, força, potência dessa maneira etimologicamente violência traz elementos da essência do ser humano (MOREIRA, 2011). Partindo de sua etimologia, Moreira (2011) entende atos de violência não como um acidente ou algo relacionado ao acaso, mas reconhece sua intencionalidade e sua íntima relação com o ser humano.

A OMS traz uma definição ampla do conceito de violência, caracterizando-a como um ou mais comportamentos intencionais, utilizando-se do uso da força física, do poder ou ameaça, contra outra pessoa, contra si mesmo ou um grupo, tendo como resultado o dano psicológico, físico, no desenvolvimento, privação ou morte (KRUG et al., 2002 citado por ROSA et al., 2010).

A respeito do conceito de violência na filosofia política pode-se destacar a concepção de violência como forma de dominação proposta por Arendt (1960) citada por Moreira (2011) compreendendo a violência como reveladora do aspecto primitivo do ser humano, porém, racional e instrumental. A violência para essa autora é um instrumento utilizado pelo ser humano com o propósito de dominar, ou exercer poder sobre o outro.

No campo da Psicologia, Freud (1915) citado por Moreira (2011), compreende a violência como constitutiva do ser humano e inerente à cultura, descreve que ela está diretamente relacionada ao caráter narcisista do ser humano, que pode conduzir ao desejo de aniquilamento do outro. Freud aponta algumas características de sua concepção:

A violência inerente ao homem é controlada por ações externas e pela internalização da culpa. As ações externas são denominadas suscetibilidade à cultura, ou seja, pressão do ambiente cultural imediato e também influência da história cultural dos ancestrais que transforma o egoísmo e a crueldade, sob a influência do erotismo da necessidade de amor, em conduta moral (FREUD, 1915 citado por MOREIRA, 2011, p. 37).

Na contramão do pensamento freudiano, Frankl (1978) citado por Moreira (2011) tem uma compreensão da violência como um fenômeno sub-humano. Para esse psicólogo, a violência mesmo tendo causas, não tem sentido, e ainda que

esteja presente na vida humana, consiste em uma herança animal, não representa aquilo que é verdadeiramente humano.

O filósofo Nilo Odalia (1983) compreende que a violência está presente na humanidade desde tempos imemoráveis, não pertencendo a uma época específica, para ilustrar isso, cita a escravidão na Grécia antiga, o período colonial do Brasil, com a escravidão dos negros, a Idade Média com a igreja que matava os infiéis e pecadores como forma de educação, chegando à violência moderna, que passou a ser considerada até mesmo nas construções arquitetônicas contemporâneas, onde as pequenas muretas de uma casa com um belo jardim visível para quem anda na rua deram lugar a portões enormes e muros gigantes, que visam o refúgio da violência, a proteção e segurança. Odalia (1983) também considera que a violência nem sempre se mostra como um ato ou uma relação clara por si mesma, portanto, muitas das vezes, não é tão simples identifica-la, de modo que não raras vezes ela passa despercebida, tida como um ato natural, rotineiro, presente na ordem das coisas, é essa nebulosidade da violência que faz com que ela seja manipulada e utilizada como meio de dominação entre iguais.

Outro aspecto importante de ser considerado ao se pensar a violência, é que a compreensão de sua existência não implica em eliminar suas causas, e isso se dá porque a violência é um fato estrutural, de modo que a sociedade moldou-se em torno dela, por exemplo, pensando-se no sistema capitalista como base socioeconômica do Brasil, não se pode esperar a inexistência da violência dentro desse sistema, que depende da desigualdade social para subsistir, desse modo erradicar a violência da desigualdade socioeconômica consistiria em derrotar o próprio sistema capitalista (ODALIA, 1983).

A respeito dos tipos de violência, pode-se citar a auto-infligida, que compreende a violência infligida contra si mesmo, são atos ou pensamentos agressivos voltados para si mesmo, como por exemplo, o suicídio e a automutilação. A violência interpessoal inclui aquela ocorrida entre os membros de uma família ou parceiros íntimos, e a sofrida na comunidade, entre pessoas sem uma relação pessoal, ocorrendo em instituições como escola e local de trabalho. E, por fim, a violência coletiva é aquela cometida por grandes grupos ou países, por exemplo,

atos terroristas, guerras, inacessibilidade de serviços essenciais, entre outros (DAHLBERG; KRUG, 2006).

5.2 Espaços de violência homofóbica

Dentre as muitas formas, tipos e vítimas da violência, existe aquela infligida contra pessoas de orientação homossexual em razão da orientação sexual, este tipo de atitude, e comportamento, é denominado homofobia. O conceito de homofobia proposto por Figueiró (2007):

Diz respeito à aversão, ao horror e/ou ao medo que as pessoas sentem em relação aos homossexuais. É um sentimento fortemente negativo que se manifesta em atitudes discriminatórias, em comportamentos de desprezo e de desvalorização do outro e, muitas vezes, de agressão (FIGUEIRÓ, 2007, p.36).

Homofobia é, portanto, uma forma de preconceito e discriminação baseada em uma característica de outra pessoa. Assim como o racismo discrimina um indivíduo pela cor de sua pele, a homofobia discrimina o sujeito pela sua orientação sexual. Contudo esse conceito tem se ampliado para além da discriminação apenas contra homossexuais, mas tem servido também para nomear a violência contra pessoas como travestis, transexuais e outras sexualidades diferentes da heterossexualidade e outros gêneros diferentes do masculino e feminino, utiliza-se também o termo lgbtfobia, englobando a diversidade sexual em um sentido ampliado.

Para compreensão e discussão sobre o termo “homofobia”, é importante recordar a história da palavra, de acordo com Borrillo (2001) citado por Toledo e Pinafi (2012) “homofobia” foi o termo utilizado pela primeira vez em 1971, por K. Smith, nos Estados Unidos, entendido naquele contexto como “[...] repulsa irracional, tal como o ódio por gays e lésbicas” (TOLEDO; PINAFI, 2012, p.145). Essa conceituação, porém, foi criticada por J. Boswell, que, a partir de uma análise etimológica verificou que a palavra “*homos*” do grego equivalia à palavra “semelhante”, portanto “homofobia” poderia ser etimologicamente compreendida como o medo do semelhante, diante disso Boswell sugere como substituto o termo “homossexofobia” (TOLEDO; PINAFI, 2012). Além de Boswell, Hudson e Ricket são dois autores que buscam ampliar o termo, propondo a expressão “homegatividade” definida como:

[...] não apenas [o] caráter de aversão e ansiedade próprios da homofobia no sentido clássico do termo, mas também e, sobretudo, [o] conjunto das atitudes cognitivas negativas sobre a homossexualidade no nível social, moral, jurídico e/ou antropológico (HUDSON; RICKET, 1980 citados por BORRILLO, 2001, p.22 citado por TOLEDO; PINAFI, 2012, p.145).

Diante da multiplicidade de conceitos acerca da homofobia, o presente trabalho acaba por transitar por alguns deles, no entanto considera-se aqui mais coerente a definição de Borrillo (2001) citado por Toledo e Pinafi (2012) que aborda a homofobia em sua amplitude, tendo duas dimensões, os autores escrevem:

Consideraremos então homofobia nesse sentido amplo, englobando sua dimensão pessoal de natureza afetiva (a recusa fóbica aos homossexuais) e sua dimensão cultural (a recusa da homossexualidade enquanto fenômeno psicológico e social) (BORRILLO, 2001 citado por TOLEDO; PINAFI, 2012, p.146).

Para abordar os aspectos socioculturais da homofobia, pode-se recorrer à história da sexualidade na sociedade ocidental, essa sociedade coloca a homossexualidade em um lugar pecaminoso e doentio. Prado e Machado (2008) elaboram uma discussão importante considerando as intolerâncias no campo da sexualidade:

No âmbito da sexualidade, o preconceito social produziu a invisibilidade de certas identidades sexuadas, garantindo a subalternidade de alguns direitos sociais e, por sua vez, legitimando práticas de inferiorizações sociais, como a homofobia. O preconceito, neste caso, possui um funcionamento que se utiliza, muitas vezes, de atribuições sociais negativas advindas da moral, da religião ou mesmo das ciências, para produzir o que aqui denominamos de hierarquia sexual, a qual é embasada em um conjunto de valores e práticas sociais que constituem a heteronormatividade como um campo normativo e regulador das relações humanas (PRADO; MACHADO, 2008, p.70).

Diante de todos os aspectos anteriormente abordados é inquestionável a presença da homofobia nas sociedades ocidentais desde os primórdios, ainda que sua configuração vá se diferenciando no decorrer do tempo e de acordo com as diferentes culturas.

Múltiplos são os âmbitos em que se observa a manifestação da homofobia e o predomínio da heteronormatividade. A respeito dos locais de ocorrência da violência homofóbica o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil de 2013 relata como principais locais a rua (25,3%) e a própria casa da vítima (23,7%) onde idealmente

esperava-se que fosse o ambiente de maior garantia de segurança e laços de afeto (BRASIL, 2016).

Correspondendo aos dados citados, é na família um dos primeiros e principais espaços onde a homofobia se mostra presente, concebendo um dos problemas mais graves gerados pela homofobia que é a não-aceitação do sujeito pela sua própria família (FRANÇA, 2009).

O poder da família sobre a sexualidade de seus integrantes, de acordo com Miskolci (2003) tem como raízes históricas a família burguesa do século XIX, que passa a se apoiar nas ciências médicas, psiquiátricas e pedagógicas, como por exemplo, na campanha contra a masturbação infantil na Europa, ilustrando o surgimento do mecanismo psiquiátrico-familiar composto pela vigilância da sexualidade.

Posteriormente, a homossexualidade é cunhada como patologia e comparada à heterossexualidade, essa tida como saudável, vivida dentro do casamento monogâmico com o objetivo de reprodução, patologiza-se a homossexualidade numa parceria entre família, ciência e Estado, pois essa sexualidade se mostra desviante do modelo biologicamente reprodutivo e economicamente produtivo (MISKOLCI, 2003).

Ariès (1981) citado por Toledo e Teixeira Filho (2013) considera que apesar de tanto tempo ter se passado do período da família burguesa até os dias atuais, o sentido de família mudou muito pouco, pois ainda se traz na família pós-moderna os elementos de séculos atrás.

Assim, historicamente, as famílias estão autorizadas a controlar e interferir na sexualidade de seus membros (DENZELOT, 1986 citado por TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013) e assim o fazem em um esforço constante pela preservação ou imposição da heterossexualidade em todos os seus integrantes, assim como buscam reforçar e estimular os devidos comportamentos e atitudes, supostamente, correspondentes a cada gênero (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013). Diante disso a revelação ou descoberta da homossexualidade de um filho ou filha conduz a uma série de reações, majoritariamente negativas, da família. A revelação por parte do filho ou filha de sua homossexualidade em geral se dá de acordo com o nível de

proximidade e/ou dependência emocional do indivíduo com os membros da família, de acordo com França (2009) a maior parte das pessoas revela primeiro a sua mãe posteriormente a seus irmãos, por fim a seu pai, sendo que muitas vezes essa revelação não se dá ao pai. Segundo Sawin-Williams (2001) citado por França (2009) em sua pesquisa 50% dos gays e lésbicas não revelam sua orientação sexual ao pai, enquanto que 25% não revela para a mãe, ainda na mesma pesquisa apenas 10% a 15% se sentiu aceito pela família após a revelação.

A não revelação da orientação sexual pode ser um meio de evitar conflitos familiares e frustrações a si mesmo e aos familiares, assim como muitas vezes é uma questão de garantia da própria sobrevivência econômica e até física. No entanto, é inquestionável o sofrimento do homossexual “enrustido”, aquele que não revela sua verdadeira orientação sexual, mas tenta levar uma vida de acordo com a heteronormatividade. O aprisionamento desse segredo constitui o comprometimento do bem estar emocional do indivíduo (FRANÇA, 2009), pois a pessoa gay necessita e espera o reconhecimento e aceitação de pessoas as quais ela atribui importância e tem vínculo afetivo, sendo a família a instituição de maior peso na vida e subjetividade de um sujeito (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Nesse sentido, Nunan (2007) citado por Toledo e Teixeira Filho (2013) considera que o reconhecimento familiar, assim como o legal e o social, da homossexualidade e dos relacionamentos homossexuais reduzem a exclusão conduzindo à melhora da saúde mental e física do sujeito, além de aumentar a estabilidade dos relacionamentos amorosos homossexuais.

É importante considerar um aspecto bastante significativo recorrente na família do homossexual não “assumido”, o processo de desconfiança e contradição sobre a homossexualidade, esse processo se dá por meio de uma exigência (direta ou indireta) da família, que a pessoa homossexual revele sua orientação sexual, no entanto após a revelação essa mesma família exige que o indivíduo anule sua orientação sexual, e, portanto se auto anule (SEGWICK, 2007 citado por TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Diante da revelação do homossexual para a família, diferentes são as reações e estas relacionam-se a diversas questões, como os tipos de vínculos entre os familiares, o comprometimento com fundamentalismos religiosos, o moralismo social

da família, a tradição e os valores familiares, entre outros aspectos (MODESTO, 2008 citada por TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Algumas das manifestações familiares mais frequentes diante da revelação da homossexualidade de um integrante são os sentimentos de raiva, culpa e vergonha. Muitas das vezes ocorre o silenciamento de toda referência à diversidade sexual, onde ninguém toca no assunto em momento algum, gerando uma negação silenciosa. Pode ocorrer também a segregação do indivíduo homossexual, que passa a ser evitado e excluído de maneira simbólica ou real, sendo uma das principais formas de homofobia, podendo atingir o ponto da expulsão do indivíduo homossexual de sua casa devido a não aceitação de sua orientação sexual, além disso há diversos casos de violências verbais, psicológicas e físicas no contexto familiar, tendo como estágio final o assassinato da pessoa homossexual (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; FRANÇA, 2009).

Em meio ao contexto de violências homofóbicas intrafamiliares e o não suprimento das necessidades emocionais e afetivas por parte da família, o sujeito busca fora de sua família nuclear ou biológica suprir as ausências deixadas pela não aceitação, para isso busca novos valores e redefinições do conceito de família (FRANÇA, 2009).

O suporte emocional, a aceitação e compreensão são então, muitas vezes encontrados nos amigos e em outras famílias, formando aquilo que se denomina “família de escolha” (WESTON, 1991 citado por FRANÇA, 2009). A família de escolha consiste em uma rede social de apoio que pode incluir não apenas amigos, mas também parceiros amorosos, e até mesmo alguns membros da família biológica, que passam a ter as mesmas características e as mesmas funções de uma família, podendo gerar até mesmo códigos de conduta e dependência afetiva (WESTON, 1991 citado por FRANÇA, 2009).

Sobre a escola e sua influência no que diz respeito à homofobia Rivers, (2001), Kosciw et al.(2012) e Birkett et al. (2009) citados por Albuquerque e Williams (2015) em suas pesquisas concluem que as escolas na maior parte das vezes funcionam como ambientes homofóbicos, de maneira que são comuns as situações de *bullying* homofóbico na escola, onde frequentemente educadores não somente não reportam essas situações à diretoria da escola, como também não intervêm e

cometem ações homofóbicas, fortalecendo essa violência na escola e a constituindo como um ambiente opressor e sem segurança para os homossexuais. Alunos homossexuais descreveram algumas situações vividas por eles na escola, dentre as ações mais recorrentes estão os comentários, insultos, gozações, ameaças e apelidos pejorativos relacionados à orientação homossexual, ocorrem também casos de exclusão por parte dos colegas e omissão dos professores e trabalhadores da escola (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015).

Ainda no que se refere à educação, a homofobia já está se impondo desde a infância na educação formal. Sabe-se a relevância e influência da escola na construção de valores morais, na formação de opinião e de identidade e nas maneiras de se colocar no mundo (FONTES, 2008). Diante disso Fontes (2008), Vianna e Ramires (2008) e Rios e Santos (2008) elaboraram diferentes artigos sobre a mesma temática, a ausência de imagens da diversidade sexual nos livros didáticos utilizados nas escolas públicas do Brasil, de acordo com Fontes (2008) em uma amostragem de 70% dos livros didáticos mais distribuídos para as escolas, não há nenhuma referência à homossexualidade, tanto em imagens quanto em conteúdo textual, assim como as noções de família trazidas por esses materiais não se ampliam para além da família heteronormativa, composta por pai, mãe e filhos.

Evidencia-se assim o silenciamento e omissão da diversidade sexual, que contribui fortemente para a invisibilidade da diversidade sexual, que, por conseguinte produzirá o preconceito e discriminação contra o “diferente”, o “estranho” (FONTES, 2008). De acordo com Rios e Santos (2008) os documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) reconhecem os livros didáticos como única ou principal referência para o trabalho dos professores. É também o MEC que compreende que os livros didáticos desempenham um duplo papel, o pedagógico, que visa à difusão de conhecimento e informação corretos, e um papel social, que tem o objetivo de contribuir com a formação de cidadania, valorizando a liberdade de pensamento, de expressão e o respeito a todos (Rios; Santos, 2008). No entanto, esses livros em suas ausências de referência à diversidade sexual cumprem outro papel, o de heteronormatizador e formador de homofobia. Essa ausência da diversidade não apenas nos livros, mas também na programação didática e nas aulas acabam por sustentar o modelo heteronormativo que legitima a homofobia, que tem como um de

seus construtores a escola e a educação, não só formal, mas também informal, com raras exceções (VIANNA; RAMIRES, 2008).

Outra esfera da sociedade onde a homofobia se mostra presente e atuante é o ambiente de trabalho. Siqueira e colaboradores (2009) apontam diversas formas de violência homofóbica no contexto organizacional, desde o processo seletivo, que em muitas empresas reprova pessoas por serem homossexuais, chegando a assédios morais com os quais o indivíduo *gay* se depara diariamente.

No ambiente profissional o sujeito tendo ou não sua orientação sexual revelada sofre múltiplas expressões violentas contra sua orientação, como piadas homofóbicas, situações de constrangimento, desigualdade no tratamento, injustiças, impedimento de ascensão na carreira (SIQUEIRA et al., 2009). Um exemplo recorrente e significativo da homofobia no trabalho é a não liberação de benefícios trabalhistas, como plano de saúde, a parceiros de pessoas homossexuais. Nos dias pós-modernos algumas empresas tem se mostrado mais abertas à entrada e permanência dos homossexuais, contanto que estes omitam sua sexualidade, seguindo padrões heteronormativos, e sem expressar a orientação e identidade sexual, assim os “afeminados” dificilmente são bem vindos no ambiente organizacional (SIQUEIRA et al., 2009).

5.3 Impactos da homofobia

Diante do exposto, o sujeito homossexual encontra-se em um dilema entre revelar ou não sua orientação sexual, e muitas vezes, tomado pelo medo da discriminação, opta por omitir ou negar sua sexualidade (SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006 citados por SIQUEIRA, 2009). Fica claro o quanto que os *gays* são prejudicados pela homofobia, chegando por muitas vezes a ter uma queda no desempenho, no que se refere ao trabalho e vida acadêmica, e desenvolvimento de comprometimentos psicossociais.

Diversas são as facetas da homofobia, e uma das principais e mais complexas recebe o nome de homofobia internalizada ou homofobia interiorizada, sobre ela Castañeda (2007) citado por Toledo e Pinafi (2012) considera que a maioria dos homossexuais, incluindo-se os que aceitam sua orientação sexual, carregam consigo um conflito existencial permanente, que vai reaparecendo no decorrer da vida do sujeito, para o autor essa homofobia interiorizada advém de uma

imposição da heterossexualidade, onde desde a infância a homossexualidade e outros “desvios” são ensinados e compreendidos como anormalidades, pecados ou doenças, naturalizando a homofobia desde os primórdios da existência do indivíduo, fazendo dela um valor implícito e inconsciente.

O sujeito em sua homofobia internalizada pode sofrer os mesmos efeitos da homofobia vinda do outro, assim como efeitos ainda mais graves, como a depressão e o suicídio. Nesse sentido Roa (2013, tradução nossa) elabora trabalho relacionando a homofobia internalizada e o risco de suicídio, expondo que há maior risco de suicídio em adolescentes e jovens homossexuais que em heterossexuais, e que esses suicídios tem se dado em idades cada vez menores, fortalecendo esse dado há pesquisas (HEARSH, 1991 citado por SANDERS, 1994, citados por TOLEDO; PINAFI, 2013) que indicam que jovens *gays* e lésbicas são três vezes mais propensos a tentativas de suicídio do que jovens heterossexuais.

Relacionando-se a homofobia interna a externalizada Adams, Wright e Lohr (1996, tradução nossa) realizaram uma pesquisa com 64 homens, nos Estados Unidos, na qual buscaram investigar a excitação de homens autodeclarados heterossexuais e homofóbicos (35 deles), e homens heterossexuais não-homofóbicos (29 pessoas), compondo dois grupos (homofóbicos x não homofóbicos), os pesquisadores expuseram todos os sujeitos de pesquisa a estímulos sexuais eróticos heterossexuais, homossexuais masculinos e homossexuais femininos e monitoraram por meio de aparelhos a mudança de diâmetro dos pênis dos participantes diante dos diferentes estímulos visuais e sonoros citados, além disso os participantes também responderam a um questionário de agressão, evidenciando suas ações homofóbicas ou não homofóbicas. O resultado do estudo demonstrou que os dois grupos tiveram aumento no diâmetro peniano – portanto ficaram excitados sexualmente – para os vídeos héteros e homossexuais entre mulheres, no entanto somente os homofóbicos apresentaram ereção peniana mediante os estímulos homossexuais entre homens. Diante dos resultados os autores concluíram que a homofobia está, aparentemente, associada a excitação homossexual que o sujeito homofóbico nega ou não está ciente dela. Os autores consideraram como possível explicação para essa excitação, à ansiedade a respeito da possibilidade de ser ou se tornar um homossexual,

considerado por eles um dos principais fatores da homofobia (ADAMS; WRIGHT; LOHR, 1996, tradução nossa).

Sobre a homofobia advinda do mundo exterior são muitos os efeitos negativos gerados por ela na vida do homossexual. Albuquerque e Williams (2015) em pesquisa sobre homofobia na escola, observam alguns sintomas mais frequentes desenvolvidos após experiências de violência homofóbica, são eles: hipervigilância, evitação e entorpecimento, depressão, desesperança, reexperienciação do trauma, dissociação, excitabilidade aumentada, somatização, desajustamento geral e comportamento opositivo. Além desses sintomas verificaram-se também, no mesmo estudo, indícios clínicos significativos para Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), e observou-se a prevalência de sintomas depressivos corroborando com pesquisas anteriores.

A literatura (FAYLKNER; CRANSTON, 1998; RIVERS, 2004 citados por ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015) também cita reações de agressividade como decorrentes da homofobia, assim como a baixa autoestima e problema de autoconfiança. Outros efeitos da homofobia na vida de um sujeito *gay* são o isolamento afetivo, sexual e/ou social, onde o indivíduo deixa de se relacionar com as pessoas, limitando seu desenvolvimento social, acadêmico e profissional, podendo leva-lo a depressão. Pode ocorrer também a crença na incapacidade de atingir seus objetivos ou, em contrapartida, a supercompensação, numa tentativa de ser o melhor em tudo, com altos níveis de perfeccionismo e auto exigência.

Não são raros os comportamentos autodestrutivos decorrentes de uma baixa autoestima ou depressão, originadas na homofobia tanto externa quanto internalizada, esses comportamentos podem manifestar-se na forma de drogadição e alcoolismo, colocar-se em situações de alto risco de vida e práticas sexuais não seguras para citar alguns. Esses comportamentos muitas das vezes são interpretados pela sociedade e família como próprios dos homossexuais, fortalecendo os estigmas sobre a homossexualidade, onde o *gay* pode ser visto como “drogado e promíscuo” (TOLEDO; PINAFI, 2012).

A questão agora é o combate à homofobia de modo efetivo, respeitando as subjetividades, os contextos sociais e os direitos humanos das vítimas e dos homofóbicos. Prado e Machado (2008) acreditam que o preconceito contra pessoas

homossexuais só pode ser superado deslocando-se a questão da homossexualidade e homofobia do âmbito individual para o social.

É nesse campo de prejulgamentos e injustiças contra homossexuais que emergem os grupos militantes que por meio dos movimentos sociais visam não apenas combater o preconceito, mas também reconfigurar o lugar da homossexualidade na sociedade.

5.4 Movimento LGBT

Data de 1850 a 1933, na Europa, uma das primeiras tentativas de organização de movimento contra o preconceito e a favor dos direitos dos homossexuais, um dos países onde esse movimento expressou-se de modo mais ativo foi a Alemanha, contudo ele teve o seu fim, em 1933, com o surgimento do regime nazista, onde mais de 200 mil homossexuais foram mortos (FIGUEIRÓ, 2007). O movimento volta a se estruturar na Europa e também nos Estados Unidos, após o fim da Segunda Guerra Mundial, porém, apenas na década de 1960, com o movimento hippie e o movimento feminista que surge um movimento GLBT contestador. A rebelião de 28 de junho de 1969, em oposição às arbitrárias batidas policiais, em Nova Iorque no Bar Stonewall, mostra-se um marco na militância. A partir de então o movimento ganha força e posteriormente o dia 28 de junho é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBT (FIGUEIRÓ, 2007).

No Brasil o primeiro grupo homossexual é o chamado “Somos”, surgido em São Paulo, no ano de 1979. Em 1980 ocorre o primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais. O advento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) no fim dos anos 80 e início dos 90 abala o movimento *gay*, o mais afetado pela doença na época, o que acaba por reconduzir alguns ativistas para a causa HIV/Aids. A doença acabou também fomentando os estigmas contra os homossexuais, já que foram estes os primeiros e mais afetados (FIGUEIRÓ, 2007).

No decorrer do tempo diversos outros grupos e movimentos GLBT surgem, visando sempre as reformas sociais, a quebra de estigmas e das diferentes formas de violência contra as diversidades sexuais.

Borges (2012) citada por Borges et al. (2013) ressalta a importância dos movimentos sociais para uma nova construção sobre a homossexualidade:

Vale ressaltar que muitas das mudanças em curso confirmam a importância de alguns movimentos sociais como os movimentos feminista, homossexual, e, mais recentemente o movimento LGBT, apontados como impulsionadores das transformações nas formas de se conceber as sexualidades bem como da ação estratégica de focalizar as violências contra a homossexualidade (Borges, 2012 citada por Borges et al., 2013) p.735).

Posto isso, o combate à homofobia associado à busca de direitos da população LGBT fortaleceu-se através da militância desses movimentos, nesse sentido deram-se a criação de programas como o Brasil Sem Homofobia, assim como o fortalecimento das secretarias dos direitos humanos no que se refere a essa causa, além da criação de políticas públicas, ainda muito escassas, fundamentadas no combate a homofobia.

6 A HOMOFOBIA/VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NA PERSPECTIVA DO HOMEM HOMOSSEXUAL AGREDIDO

O presente capítulo propõe-se a apresentar os resultados e discussões das entrevistas realizadas, evidenciando-se assim as perspectivas dos indivíduos entrevistados para o estudo.

Buscou-se aqui preservar e circundar as falas dos sujeitos de pesquisa, além disso, pôde-se também relacionar o discurso dos participantes ao que propõe a literatura sobre a temática estudada, verificando aproximações e distanciamentos, observou-se também o diálogo entre as diferentes vivências dos entrevistados.

Na análise das entrevistas, e a partir do roteiro utilizado, formaram-se algumas unidades de análise ou temas que nomeiam os subtítulos do presente capítulo, são eles: Percepção de si como homossexual; Definição e percepção da homofobia; Espaços homofóbicos; Impactos e sentidos da homofobia; Mecanismos de enfrentamento.

6.1 Percepção de si como homossexual

Dois dos entrevistados falaram sobre a percepção de si mesmos como homossexuais.

O entrevistado 1 não se reconhece como diferente das demais pessoas por conta de sua orientação sexual, sendo esta apenas mais uma de suas características naturais. Acerca de seu processo de descobrimento da sexualidade, o entrevistado começou a reconhecer sua homossexualidade na pré-adolescência, com cerca de 12 anos de idade, quando viu-se mais interessado pelo “mundo feminino” do que pelo masculino, ao mesmo tempo em que se via tendo interesse afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo. No entanto, quando foi notando sua orientação sexual e o preconceito ao seu redor teve dificuldade em aceitar sua sexualidade, pois já nesse período sofria homofobia, sem saber o que aquela violência significava, mas sentindo seus efeitos, esse sofrimento o fazia tentar modificar seus comportamentos o que provocava mais sofrimento, assim ele coloca: *“(...) eu não queria sofrer, não queria ser xingado, ninguém quer ser xingado eu acho, ninguém quer sofrer, ninguém quer ser excluído, mas eu dava o meu jeito, eu continuava a seguir a vida, ainda andando com as meninas, ainda sendo o que era xingado, o que jogava*

vôlei, o que não interagia com os meninos, tentava interagir até, me forçava interagir, mas não gostava, não era aquilo.”

Foi ainda na adolescência que o entrevistado 1 reconheceu que sua homossexualidade era algo natural e não precisava ser reprimida e assim decidiu vive-la ao invés de reprimi-la, mas, após a auto aceitação ele precisou trabalhar para ser aceito pelo ambiente: *“(...) parti para a parte difícil que é família, amigos, as pessoas que você gosta, porque a homofobia é tão cruel que ela te coloca em uma situação em que você se sente errado em sentir aquilo, então você se julga por sentir aquilo, você fala ‘Não posso sentir isso para não decepcionar o meu pai, para não decepcionar a minha mãe’.*” Apesar de sua preocupação o entrevistado reconhece que foi privilegiado por não sofrer homofobia por parte de sua família nuclear (pai e mãe). Reconhece que já foi censurado por seus pais, apesar disso, identifica essa censura como um meio de proteção para que ele não sofresse homofobia.

Opondo-se a essa visão da censura dos pais como forma de proteção, o entrevistado 3 considera o cuidado, como mais uma forma de homofobia e não de proteção, ele diz: *“(...) no caso dos pais (...) tudo isso é travestido de cuidado, e não, não é cuidado, são os problemas que eles tinham e que deveriam ter resolvido consigo mesmos (...)*”

O entrevistado 3 viu-se como alguém desamparado, sem o apoio do ambiente para viver sua própria sexualidade, além de falar sobre si, ele também considera a população de homossexuais no Brasil como desamparada, sozinha:

“(...) eu não tinha ajuda em casa, não tinha ajuda na escola, por parte dos professores, eu não tinha ajuda dos amigos, eu não tinha ajuda de ninguém. Então eu acho que ser gay numa sociedade como a nossa deixa a gente sozinho o tempo todo, porque a gente num sabe que a gente pode bater de volta, e que (...) pode exigir que tal coisa não aconteça, porque ninguém está preocupado com isso, os pais não estão preocupados porque eles estão mais preocupados em o vizinho não descobrir que o filho deles é gay.”

O mesmo entrevistado (3) reconhece que, apesar de suas vivências de preconceito e discriminação por conta de sua orientação sexual, é privilegiado como homossexual, levando-se em conta algumas questões como classe social, cor e formação acadêmica, trazendo à tona a questão de que ser homossexual não tem o mesmo significado para todos, não apenas em razão da subjetividade, onde cada

pessoa é única, mas também por fatores sociais que diferenciam os homossexuais de acordo com a classe social e o nível de instrução, por exemplo, ele fala:

“(...) porque acho que fui pouco agredido durante a vida, pelo que eu vejo acontecer com as pessoas. Isso por muitos motivos: sou filho de classe média, sou branco, tenho nível superior, sou uma pessoa informada e bem educada, então eu acho que eu estou incluído em um grupo, que de certa forma é privilegiado, que muita gente não está e por isso eles sofrem, então se você é negro, pobre, não tem acesso à educação, eu tenho certeza que essa pessoa vai sofrer muito mais que eu, até porque se eu estiver em qualquer lugar, na rua, numa faculdade, num shopping, e alguém me agredir, eu vou parar e chamar a polícia, porque eu preciso fazer alguma coisa, e eu tenho consciência de que eu preciso e posso fazer isso (...) me sinto privilegiado porque sei que as pessoas por aí devem sofrer muito mais.”

6.2 Definição e percepção da homofobia

Para três dos quatro entrevistados não há distinção entre homofobia e violência homofóbica, a própria homofobia já se constitui como uma violência:

“(...) eu acho que é muito difícil distinguir as duas coisas, não tem como ser homofóbico sem agredir, mesmo que seja uma agressão velada (...)” e, completa “(...) Eu acho que homofobia é qualquer agressão, seja ela verbal, psicológica, física, que predispôs da minha orientação sexual, se a base dessa agressão for a minha orientação sexual pra mim é homofobia (...)”. (Entrevistado 1)

“Eu entendo como sinônimo porque homofobia é um tipo de violência ainda que ninguém seja agredido físico, verbal ou moralmente (...)”. (Entrevistado 3)

“Acho que homofobia é quando você não suporta uma pessoa que se define gay, que só de saber que essa pessoa é gay você já sente uma coisa que te irrita profundamente. Violência homofóbica para mim é a mesma coisa pelo fato da pessoa só de ver uma pessoa afeminada, uma pessoa com trejeitos, que se veste de uma forma que seja confortável, a pessoa já vem querendo agredir (...)”. (Entrevistado 4)

Já o entrevistado 2 não considera homofobia e violência homofóbica como idênticas, pois para ele a homofobia se constitui como algo de menor gravidade, desse modo não necessariamente envolve uma agressão, já a violência homofóbica diz respeito a uma agressão direta, física ou verbal que atinge a psique do agredido: *“(...) eu acho que a homofobia pode ser algo bem simples... até um olhar mesmo as vezes,*

não necessariamente uma agressão e a violência homofóbica é algo mais grave, de agressão mesmo, agressão física e verbal também, uma agressão muito pesada para o psicológico da pessoa.”

Acerca da homofobia velada o entrevistado 1 considera que não ver as pessoas como iguais na sociedade, independentemente da orientação sexual de cada pessoa, também é uma violência: *“Todo mundo é igual, se você tem uma ideia de que eu sou menos que você por conta disso (orientação sexual) pra mim já é uma violência, já está ferindo de alguma forma aquela pessoa.”*

Nesse mesmo sentido o entrevistado 3 também considera uma atitude violenta o fato de uma pessoa ter um conceito negativo sobre alguém apenas em razão de sua orientação sexual, ainda que isso não se mostre na ação: *“(...) a partir do momento que em que o indivíduo forma um conceito negativo sobre outra pessoa baseado na condição sexual dessa pessoa ou no gênero dessa pessoa eu acho isso violento, ainda que o preconceituoso não expresse isso (...)”*. Nesse trecho também é possível observar uma ampliação do conceito de homofobia quando esta é considerada uma violência que se dá baseada na orientação sexual ou gênero dessa pessoa, dessa maneira o entrevistado considerou também a questão de gênero.

No que se refere à origem e manutenção da homofobia o entrevistado 1 acredita que esta origem está no medo, no medo de como se pode lidar com a homossexualidade em uma sociedade repressora, tendo como principais instituições de dominação a religião e a política, para ele a homossexualidade desafia essa dominação, e gera o medo da perda do poder sobre a sexualidade, assim o entrevistado compreende que a homofobia existe como expressão do medo de não conseguir dominar a sexualidade ou uma classe, a dos homossexuais: *“Então acho que em questão social é mais ou menos isso, essas pessoas (homofóbicos) tem medo de perder o poder, o poder sobre a sexualidade (...) com isso a homofobia existe por conta desse medo, dessa coisa de ‘Como que eu vou dominar essa classe?’ ”*.

A compreensão da sexualidade como objeto de dominação da sociedade relatada pelo entrevistado 1 aproxima-se da ideia de Foucault (1988) que compreende a sexualidade como um dispositivo de poder visando controlar os

comportamentos sexuais, determinando quais os valores e ações adequados para a sociedade no que se refere a sexualidade.

Na visão de dois dos entrevistados (entrevistados 1 e 3) a homofobia pode também ter sua origem na ausência de conhecimento ou informação. De acordo com o entrevistado 1, a homofobia pode não se caracterizar como uma agressão no caso da desinformação, mas sim um elemento de responsabilidade do ambiente e não do indivíduo, havendo a possibilidade de, a partir da informação, haver uma modificação, porém, considera que nem sempre essa transmissão de conhecimento sobre a sexualidade é eficaz para quebra da homofobia: *“(...) a gente tem aquela linha que pode ser, vamos dizer uma ignorância, onde a gente tem que olhar e pensar ‘essa pessoa não entende sobre o assunto (...) então não é culpa dela que ela é homofóbica, a situação do meio dela a deixou assim, aí eu acho que vai de nós tentarmos explicar para ela o que é e o que não é, se a partir daí ela continuar com a mesma ideia ‘ainda acredito na mesma coisa’, aí se torna uma agressão.”* Nessa direção o entrevistado 3 fala: *“(...) Então a falta de informação, a falta de educação e o medo levam uma pessoa a julgar a outra por qualquer motivo que seja, no caso da homofobia é a mesma coisa, então eu acho que essa é a raiz do problema.”*

Na concepção do entrevistado 3, a homofobia e todo tipo de preconceito tem uma origem social, tendo como um de seus principais determinantes o machismo, sobre isso ele fala: *“(...) o machismo na sociedade em que a gente convive, e eu não estou falando do Brasil, eu estou falando do mundo inteiro, então uma sociedade que entende que o homem é mais e a mulher é menos, ela sempre vai tratar alguém com desigualdade, por acaso nós estamos falando aqui dos gays.”*

O entrevistado 3 prossegue fazendo referência à manutenção, ou seja, a continuidade da existência da homofobia na sociedade atual, esta ocorre em função dos mesmos fatores que a originam: medo, desinformação, falta de educação e machismo, além desses, o motivo mais significativo para a permanência dessa discriminação é a falta de leis específicas e de cumprimento das leis já existentes no que se refere à violência: *“(...) eu acho que a falta de legislação sobre isso é o aspecto mais importante, porque lei é uma coisa que, é uma coisa capital, quer dizer, um país é feito sobre leis, então ele parte dali, então acho que a falta de uma legislação específica, ou sob outro ponto de vista, a falta de execução das leis que já existem são o que continuam mantendo esses motores funcionando.”*

A respeito da razão para a existência da homofobia na sociedade, o entrevistado 4 atribui a origem dessa violência a um único fator, para ele a homofobia é uma das características que compõe a cultura no Brasil, no entanto não encontra uma explicação para essa cultura homofóbica: *“(...) faz parte da cultura... é uma característica da cultura... eu não sei, tem que perguntar para os portugueses porque eu não faço a menor ideia, acho que desde o descobrimento (do Brasil) que tem essas coisas.”*

Sobre quem é o homofóbico o entrevistado 1 acredita que alguns homofóbicos sejam pessoas homossexuais reprimidas, que encontram na violência homofóbica uma maneira de mascarar a própria orientação homossexual: *“Eu vejo muitas coisas que falam assim ‘o homofóbico é uma pessoa enrustida, que tem alguns desejos’, acredito um pouco nisso, que a sociedade reprime tanto a gente que o jeito do homofóbico sobressair tentando disfarçar os seus desejos é atacando (...)”*

Sobre isso a pesquisa estadunidense *“Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal?”* (A homofobia é associada a excitação homossexual?), realizada com homens homofóbicos, concluiu que a homofobia está associada à excitação homossexual, que o sujeito homofóbico nega ou não estar ciente dela. Os autores do estudo apontaram como possível explicação para isso a ansiedade a respeito da possibilidade de ser ou se tornar um homossexual (ADAMS; WRIGHT; LOHR, 1996, tradução nossa).

O entrevistado 2 também falou sobre o perfil do homofóbico, que considera uma pessoa com pensamentos preconceituosos cristalizados ou enraizados, portanto difíceis de serem modificados, mesmo com as tentativas de modificação propostas pelo ambiente, essas pessoas produzem danos na vida dos indivíduos agredidos:

“(...) uma pessoa homofóbica tem uma mente muito fechada, e muitas vezes a mente dela não vai abrir nem com um milhão de anos, de tempos, e pessoas falando ou o público LGBT crescendo isso não vai mudar... essas pessoas homofóbicas que surgem todos os dias repudiando isso e causando na vida das pessoas.”

Ainda, falando a respeito do sujeito homofóbico, o entrevistado 2 utiliza-se da palavra “doença” para se referir à homofobia, invertendo a situação em que pessoas se referem à homossexualidade como uma doença – nesse sentido é importante

lembrar da recente situação onde alguns psicólogos se posicionaram legalmente contra o Conselho Federal de Psicologia, reivindicando o interesse de utilizarem-se de terapias para reverter a homossexualidade, vista por eles como patologia – posteriormente ele esclarece o significado do termo que utilizou equiparando doença, homofobia e preconceito: *“Eu acho que é uma doença na verdade isso (...) doença, porque assim como estão falando que a homossexualidade é doença, mas estou falando como um preconceito.”* Os demais entrevistados não estabeleceram um perfil do indivíduo homofóbico.

6.3 Espaços homofóbicos

Os entrevistados relataram suas vivências pessoais de homofobia ou violência homofóbica em diferentes espaços, sendo a rua citada por três entrevistados, a família, mencionada por dois entrevistados e a escola, citada por dois. Os locais apontados são correspondentes aos dados do Relatório de Violência Homofóbica no Brasil de 2013, onde a rua foi citada como o principal espaço de homofobia (25,3%) e a família o segundo principal local (23,7%) (BRASIL, 2016).

O entrevistado 1 falou sobre uma situação de violência física sofrida na rua, onde ele e seu amigo foram agredidos apenas por estarem andando na rua:

“(...) eu estava com uns amigos, e ele (agressor) pressupôs que a gente era gay porque eu estava com um short e meu amigo estava com regata e tínhamos trejeitos, e ele tacou uma garrafa do carro na gente, pegou em mim a garrafa, e xingando ‘ah veado, não sei o que’ e tacou a garrafa, eu levei uma garrafada por estar andando na rua. A gente nem tinha falado nada, a gente não olhou para ele, a gente não mexeu com eles, a gente estava descendo a rua ele passou e tacou uma garrafa (...)”.

Ainda sobre espaços públicos como espaços homofóbicos, o entrevistado 3 descreveu uma situação em que foi abordado pelo segurança de um shopping em São Paulo, que disse que o entrevistado e seu companheiro não podiam se beijar naquele local:

“(...) eu acho que eu devia ter uns dezoito anos, e eu estava com um namoradinho num shopping (...) e ai eu me lembro que eu estava na praça de alimentação, na frente de uma loja de chocolates, eu, ele e uma amiga, (...) e ela foi comprar chocolate (...) ele me deu um beijo e o segurança abordou a gente, e ai eu não deixei barato né, chamei a polícia (...) Ele abordou a gente dizendo que a gente não podia fazer aquilo (...)”.

A respeito da violência sofrida na rua, porém relacionada à escola, o entrevistado 4 relata que sofreu agressão verbal e física no período da adolescência, antes mesmo de “assumir” sua sexualidade para a família:

“(...) eu estava conversando com alguns amigos normal, ele foi me pegou na esquina da escola e começou a falar que não gostava, que era para eu virar macho, e sentou o branquinho na minha cara, me manchou todo, eu cheguei em casa todo sujo, esse foi o dia que eu mais chorei na minha vida (...)”

Nessa mesma ocasião o entrevistado 4 afirmou que não foi ajudado por ninguém, mas pelo contrário as pessoas que presenciaram cooperaram na violência: *“(...) não surgiu nenhum ser, a não ser para dar risada da minha cara.”*

Essa situação de desamparo na rua promovido pela falta de segurança evidencia-se em diversas ocasiões no Brasil, em que houve violência homofóbica ou LGBTfóbica na rua, levando, em alguns casos, até a morte do agredido (10... 2017).

O mesmo entrevistado (4) citou também uma situação muito recente de homofobia, que ocorreu no mesmo dia da entrevista, minutos antes, no ponto de ônibus, em que o entrevistado acredita ter se dado pelo preconceito com seu modo de se vestir e de agir: *“A pessoa deu risada, deu risada (...)”*.

A respeito da homofobia na família dos entrevistados, dois deles (entrevistados 2 e 3) descrevem ter sofrido preconceito e/ou discriminação principalmente por parte da figura do pai.

O entrevistado 2, considera que sofre homofobia diariamente, e mantém seu foco em seu pai, ao falar de espaço de vivência de homofobia, em contrapartida, diz que os demais integrantes de sua família não têm posturas homofóbicas e compreendem a homossexualidade do entrevistado: *“Para mim está presente praticamente todos os dias porque meu pai é uma pessoa muito homofóbica e preconceituosa em relação a tudo, de negro, de japonês, tipo tudo, e eu tenho sorte que é só ele, que é só o meu pai que é homofóbico assim, porque o resto da família é bem tranquilo em relação a isso, inclusive eu já me abri para a maioria deles, inclusive para minha mãe (...)”*

Também em relação ao pai, o entrevistado 3 relata a situação em que foi expulso de casa, por seu pai, em decorrência a sua orientação sexual, no entanto,

considera que o pai não o abandonou pelo fato de ter mantido economicamente o entrevistado mesmo fora de casa, sobre ele diz:

“(...) é uma coisa muito louca, ele me mandou embora e continuou me ajudando, ele pagou minha faculdade toda, por exemplo, eu fiz universidade particular, e eu era estagiário nessa época, não era um profissional formado, e ele pagava o meu aluguel, então eu imagino que, eu não sei se ele conseguiria traduzir isso nas palavras, mas o que passou pela cabeça dele é que ele estava pagando para não ver o problema, e ele tinha esse censo de que ele não podia me abandonar, ele poderia ter feito isso, mas não fez.”

A literatura também cita a questão da expulsão do filho homossexual por parte de sua família como forma de segregação, evitação e exclusão do indivíduo, sendo algumas das principais expressões de homofobia (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; FRANÇA, 2009).

Em consonância com as falas dos entrevistados 2 e 3 em relação à homofobia paterna, a pesquisa de França (2009) aponta que nem sempre a homossexualidade do filho é revelada a seu pai, nesse sentido também está a pesquisa de Sawin-Williams (2001) citado por França (2009), que traz os seguintes dados: 50% dos gays e lésbicas não revelam sua orientação sexual ao pai, enquanto que 25% não revela para a mãe.

O entrevistado 3 fala também a respeito da reconciliação com o pai, ao dizer que voltaram a se falar quatro meses depois, mas alega que a reconciliação definitiva só se deu mais tarde, quando o entrevistado percebeu como seu pai se reconfigurou, deixando de ter atitudes e comportamentos homofóbicos, aceitando e respeitando a sexualidade do filho:

“(...) a gente realmente voltou a ter uma relação do tipo ‘Vou almoçar ou jantar lá toda semana na casa deles (pai e madrasta)’ no dia em que ele me ligou e disse ‘Vem e traz o (nome ocultado) – que é o meu marido – que eu quero conhecer ele.’ Então eu acho que ele passou daquele processo de... e eu acho que ele passou da pior forma porque ele não buscou ajuda profissional, então ele não teve acesso a uma terapia ou sei lá, algum profissional que soubesse ou conseguisse conduzir ele, e aí sozinho, imagino que ele já tinha aceitado, me ligou e desde então a gente teve uma convivência muito boa.”

Os relatos de vivência da homofobia na família são coerentes com o que traz a literatura, que aponta a família como um dos principais e primeiros ambientes

homofóbicos (FRANÇA, 2009), pois o grupo familiar, historicamente, se sente detentor da sexualidade de seus integrantes (MISKOLCI, 2003).

Sobre a homofobia no ambiente escolar, dois dos entrevistados disseram ter passado por essa vivência. Apesar de menos presente no discurso dos entrevistados, a violência física na escola foi citada por um deles, que afirma ter sofrido essa agressão associada a violência psicológica, assim o entrevistado 1 relata: *“(...) ele agredia, ele empurrava, tinha o terror também, falava que ia me pegar na saída. Agressões na escola foi mais empurrão, nunca tive briga.”*

De acordo com o entrevistado 4 as agressões caracterizavam-se principalmente por violência verbal e psicológica: *“Os meninos pegavam para me zoar mesmo (...) então era ‘Mocinha’, ‘Pede lá para a mocinha’, ‘Pede lá para o veadinho’.”*

O posicionamento da escola foi relatado como negligente em relação à violência sofrida por parte do entrevistado 4: *“(...) eu falei né, chorando, que não aguentava mais, que queria sair da escola, e chorei muito, ela (avó) falou que ia correr atrás da diretora da escola, ai avisou minha mãe, minha mãe foi na escola e a diretora simplesmente fez pouco caso.”*

As situações vividas na escola e relatadas pelos entrevistados reforçam o que a literatura observou e concluiu que as escolas muitas das vezes funcionam também como ambientes homofóbicos, onde eventualmente os próprios educadores e profissionais da escola cometem atos homofóbicos ou se omitem diante do preconceito dos alunos (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015), além disso, o próprio material didático e o conteúdo programático das aulas não consideram a diversidade sexual e a população LGBT não é representada nos livros didáticos (FONTES, 2008; VIANNA; RAMIRES, 2008; RIOS; SANTOS, 2008).

O entrevistado 1 trouxe um elemento importante em seu relato, a homofobia internalizada, não por parte do próprio entrevistado, mas sim por parte de dois agressores, um menino e uma menina do período escolar, essas duas pessoas, em períodos diferentes, a menina no ensino fundamental e o rapaz no ensino médio, tinham atos homofóbicos contra o entrevistado e, posteriormente, se revelaram homossexuais. No caso do menino o entrevistado conta a situação em que soube da homossexualidade de seu antigo agressor:

“(...) depois de cinco anos a gente se encontrou (...) numa balada gay, e eu vi ele beijando um cara (...) quando eu vi aquilo eu falei: ‘Não, não é possível, estou vendo coisa!’, e eu fui lá, eu tinha que falar com ele, eu cutuquei ele e falei ‘Oi!’, ficou os dois olhando um para a cara do outro, ele não sabia o que falar na hora, aí eu falei: ‘Meu relaxa, segue sua vida, eu sigo a minha.’ e voltei a falar com meus amigos, depois de um tempo ele veio me procurar na mesma balada, ele: ‘Eu posso falar com você?’, eu estava curtindo a vida, bebendo com meus amigos, e ele: ‘Eu queria te pedir desculpa, não sei o que tal...’ e eu assim: ‘Meu relaxa, fase da escola.’ Ele só não chorou ali porque a gente estava em uma balada, mas ele falou que foi difícil a vida dele, que ele não se aceitava e não conseguia entender como para mim era tão simples.”

A situação descrita remete a concepção de que muitas pessoas homofóbicas podem expressar em seu preconceito e discriminação às próprias angustias e sofrimentos de não aceitar sua homossexualidade, e num ato intenso de rejeição dessa sexualidade acabam por rejeita-la não só em si mesmas, mas também no outro (ADAMS; WRIGHT; LOHR, 1996, tradução nossa). Sobre isso Castañeda (2007) citado por Toledo e Pinafi (2012) e Roa (2013, tradução nossa) já escreveram sobre o inegável sofrimento causado pela homofobia internalizada, que tem a mesma força destrutiva que a homofobia do outro, podendo conduzir o indivíduo ao suicídio.

6.4 Impactos e sentidos da homofobia

Diversos foram os impactos gerados pela homofobia na vida dos entrevistados, associados a eles surgiram questionamentos relacionados à falta de compreensão da situação de violência.

O entrevistado 1 relata que foi agredido na rua e teve como reação imediata revidar à agressão, atirando a garrafa que lhe foi atirada de volta ao agressor. Apesar dessa “vingança” imediata que gerou um prazer momentâneo, o entrevistado não sentiu que a situação havia se resolvido, e logo começou a se questionar e sentir os impactos posteriores à situação de violência homofóbica. Ele revela que o que predominou, a princípio, após sua vivência foi o sentimento de medo, que conduziu a um excesso de vigilância e preocupação constante com o seu próprio modo de agir, além de muitos questionamentos: *“(...) ‘como eu vou agir daqui para frente?’, ‘eu vou ter que disfarçar?’, ‘vou ter que ser uma coisa que eu não quero ser?’, ‘vou ter que fingir ser uma pessoa para não sofrer outra agressão?’, não é nem por não ser*

aceito pela sociedade, mas é para não sofrer outra agressão. Então depois disso foi meio tenso para conseguir ter na cabeça de novo 'Meu, dane-se o mundo e eu vou ser o que eu quiser ser e o problema é meu!', eu fiquei meio tenso, dependendo do horário que eu saía, eu não saía com certas roupas, ficava observando as pessoas em volta, você fica assustado (...) era um tempo em que eu pensava muito no que eu ia fazer, não andava mais sozinho, se andava sozinho tentava corrigir postura, corrigir trejeitos, corrigir forma de falar, para não sofrer uma agressão.

Medo foi a conclusão do entrevistado 1 a respeito do principal impacto e sentido produzido pela violência homofóbica, em consonância a esse medo ele também fala como a segurança pública coopera com esse sentimento, na medida que não há garantia de segurança para homossexuais, o que conduz a pessoa homossexual a se privar na tentativa de se proteger de possíveis agressões:

"(...) eu acho que o que acaba causando essas coisas é medo, medo de viver, você vai se privando de algumas coisas por medo de acontecer alguma coisa com você. Eu não me sinto seguro em São Paulo, posso falar que não me sinto seguro no Brasil, no Sudeste, porque eu já fui para o Rio, já conheci alguns outros lugares a que fui a passeio e não é seguro, você não tem segurança, do tipo 'me sinto seguro aqui em São Paulo para andar de mão dada com meu namorado', não é seguro para ser homossexual."

O entrevistado 1 relata também sua preocupação com a reação dos pais aos saberem que seu filho havia sofrido agressão homofóbica, em razão disso ele optou por não contar a eles a sua vivência, para não fazê-los sofrer e na tentativa de preservação de sua própria autonomia e liberdade, que poderia ser comprometida pela proteção dos pais, sobre isso ele diz: *"(...) isso tudo tinha a ver com uma liberdade que eu tinha, eu não queria perder essa liberdade de sair, de ter as roupas que eu tinha, então se eu sofresse uma agressão real, que eles vissem, eu ia perder um pouco da minha liberdade também porque o medo te faz perder isso."*

O entrevistado 2 questionou-se sobre o preconceito de seu pai, considerando um pensamento cristalizado e difícil de ser compreendido: *"(...) 'Nossa como uma cabeça pode ser tão quadrada, depois de tanto tempo?' (...) as minhas avós, uma mãe do meu pai inclusive, sempre lidou com o público gay e elas sempre tiveram amigos gays, e o meu pai sempre esteve no meio e ele sempre adorou os amigos delas, e os clientes, sempre tratou super bem, só que quando a gente está na rua, eu e ele, ou ele está vendo TV, ele*

não deixa passar uma, é um xingamento, uma coisa ali, independente de ser lésbicas, gays, enfim, e aí eu sempre fico tentando entender essa cabeça quadrada e eu não consigo (...)”.

O entrevistado 2 citou a vigilância em seu comportamento e modo de se colocar no mundo diante de seu pai, que tem atitudes homofóbicas, fazendo com que o entrevistado seja cauteloso e não aja com a mesma naturalidade de quando está com outras pessoas: *“(...) essa coisa mesmo de ser um pouco mais contido enquanto eu estou com ele, na frente dele, conversando com ele, junto com ele, do que quando eu estou só com minha mãe ou com amigos (...)*”.

O mesmo entrevistado (2) falou dos possíveis impactos que a homofobia de seu pai produziria no momento em que esse pai soubesse sobre a homossexualidade de seu filho, o entrevistado acredita que a homofobia do pai poderá levar a conflitos não apenas com o filho, mas também entre outros integrantes da família, causando uma divisão e comprometendo relacionamentos: *“(...) eu tinha tudo para explodir e jogar na cara dele, e até mesmo acabar com o relacionamento dos meus pais, eu acho que isso poderia muito ser uma causa para eles se separarem (...) Porque a minha mãe ficaria, com certeza, do meu lado e o meu pai não, e o meu irmão (...) ficaria do nosso lado também, do meu lado e da minha mãe, (...) e eu acho que isso causaria bastante na família.”*

O entrevistado 3 falou acerca dos impactos da homofobia sofrida em seu período de infância e adolescência, apontando como principal impacto o fato de ter tido que amadurecer antecipadamente, pois precisava defender-se dessa violência desde muito cedo, o que o impediu de usufruir da melhor forma cada estágio de seu desenvolvimento: *“(...) me impactaram sim, principalmente na infância, porque eu tive que aprender a me defender muito cedo, muito mais cedo do que eu acho que deveria, eu acabei amadurecendo mais cedo, não acho isso bom (...) eu acho que eu deveria ter aproveitado mais cada fase da minha vida (...)*” Ainda sobre as situações de homofobia na infância ele relatou que poderia ter lidado melhor se tivesse o amparo de seus pais em relação a essas situações de preconceito e discriminação, essa falta de apoio associada a própria homofobia dos pais gerou o sentimento de tristeza e culpa: *“(...) eu penso que eu poderia ter passado por muitas situações na infância, na adolescência, com o apoio dos meus pais, e ter passado muito melhor, e não ter ficado triste, não ter ficado deprimido, não ter chorado, e não ter achado que era minha culpa (...)*”.

Após seu pai expulsá-lo de casa o entrevistado 3 questionou-se em como fazer com que o pai reconhecesse que cometia um erro com tal postura homofóbica, relacionado a isso, ele vislumbrou o suicídio como uma forma de punir o pai e assim fazê-lo compreender os impactos da homofobia na vida do filho: *“(...) ‘E se eu me matasse pra ele ficar culpado o resto da vida?’. Isso foi muito centrado no meu pai, porque na minha cabeça seria um jeito muito efetivo de fazer com que ele enxergasse que ele estava errado, e, como eu te disse isso nunca foi real porque eu nunca pensei como, nunca quis saber como, especialmente porque eu sou uma pessoa muito medrosa (...)”*. O mesmo entrevistado demonstrou ter tido sentimentos múltiplos com essa expulsão, sentiu-se livre e posteriormente triste e solitário, a liberdade no sentido de poder sair de casa e ser mais autônomo para viver e tomar suas decisões, e a tristeza pela rejeição de seu pai: *“(...) quando eu sai eu me senti livre, então no dia em que ele me confrontou pra dizer que não queria mais que eu ficasse em casa porque ele não ia aceitar esse tipo de comportamento e tudo mais, eu achei ótimo, porque eu não ia mais ter que chegar em casa e ver a cara dele daquele jeito porque eu tô namorando um cara. Depois eu fiquei muito triste, porque é uma situação muito triste, mas a primeira sensação que eu tive foi de liberdade, eu tive uma liberdade que eu nunca tinha tido antes, e aí em seguida veio a solidão (...)”*

Um dos impactos mais específicos falado nas entrevistas foi citado pelo entrevistado 3, que identificou o medo de ter filhos como um efeito da homofobia promovida por sua família. No entanto, ele também relaciona esse desinteresse por ter um filho a outros fatores para além da sexualidade, mas relacionados à educação de um filho, concluindo que não quer cometer os erros que seus pais cometeram em sua educação: *“(...) existe uma consequência das mais fortes que eu trago para a vida é: Não quero ter filhos, tenho pavor da ideia, fico apavorado com a ideia de ter filhos.”* E justifica: *“(...) eu vejo como eles erraram em muitas coisas, algumas relacionadas com a minha sexualidade outras não, então isso me apavora, me apavora cometer os mesmo erros com o meu filho.”*

Tornar-se uma pessoa muito defensiva, no sentido de acreditar que as pessoas estão sempre contra você, fazendo com que o indivíduo esteja a todo o momento “armado” pronto para se defender, foi um dos impactos da homofobia apontado pelo entrevistado 3, que descreve ter começado a ter atitudes defensivas contra as pessoas ao seu redor, posteriormente às suas vivências de homofobia,

que comprometeram seus relacionamentos e o tornaram, por determinado período, uma pessoa de difícil convivência: *“(...) eu tinha muita dificuldade de conviver com pessoas, então eu não conseguia ter um relacionamento porque não dava certo, eu não conseguia manter amigos porque por algum motivo não dava certo, por atrito, por sei lá, coisa com as quais qualquer tipo de pessoa conseguiria lidar e eu não conseguia (...)”*

O entrevistado 4 colocou como questionamento após vivência de agressão o seguinte: *“(...) para que fazer isso? (...) que direito alguém tem de falar que você precisa fazer alguma coisa?”* demonstrando sua falta de compreensão da violência infligida contra ele. Ele relatou também sentir-se injustiçado, não apenas quando sofre homofobia, mas também ao presenciar pessoas passando por essas situações, onde os agressores não são punidos. Sobre os principais sentimentos gerados pela vivência de agressão ele relata a raiva e a tristeza como predominantes: *“A gente pensa em matar o ser humano que faz isso com a gente, é muita raiva que dá, mas eu sinto tristeza a maioria das vezes (...)”*.

6.5 Mecanismos de enfrentamento

A agressividade apareceu em uma das entrevistas como forma de lidar momentânea com a homofobia, sendo uma reação quase que automática citada pelo entrevistado 1 que revidou sua agressão atirando de volta a garrafa que lhe foi atirada. Já os demais entrevistados apesar de terem relatado sentimentos intensos como a raiva não relataram reações agressivas nesse sentido.

A auto aceitação como forma de lidar com a homofobia evidenciou-se no discurso de dois dos entrevistados, que acreditam que a auto aceitação da própria orientação sexual se caracteriza como uma forma de lidar com esse tipo de violência. Assim o entrevistado 2 considera que assumir-se *gay* para si é uma etapa inicial para assumir-se para os outros e, assim, ir enfrentando a homofobia que reprime e oprime: *“(...) você se assumindo para você mesmo primeiramente, isso já é um grande passo, porque você está se aceitando, você está vendo quem você realmente é, e você cada vez se descobre mais (...) sem medo de mostrar isso, sem se oprimir, e mostrar na rua, e em todos os lugares, como é para ser (...) e eu acho que esse é o melhor jeito, mostrar quem você é, sem medo.”* Nessa mesma perspectiva o entrevistado 1 coloca: *“(...) Acho que a gente pode escolher como lidar com isso, e a escolha que eu tive foi essa, a minha auto aceitação foi para isso, para quando outro me agredir ‘Nossa não, você não está me agredindo, você está só afirmando uma coisa que eu já sei’, é isso. ”*

Recorrer à polícia no sentido de reivindicar os seus direitos de cidadão após uma agressão homofóbica, apareceu como uma das primeiras alternativas de enfrentamento de acordo com o entrevistado 3: *“(...) se alguém me agredir, eu vou parar e chamar a polícia, porque eu preciso fazer alguma coisa, e eu tenho consciência de que eu preciso e posso fazer isso (...)”*. Em consonância com isso o mesmo entrevistado disse que ao sofrer homofobia no shopping teve como reação ou forma de enfrentamento inicial reforçar seus direitos tendo um embate verbal com o agressor, questionando seu ato homofóbico e, posteriormente, acionando a polícia, na delegacia, diferente do que imaginava, foi bem atendido em sua queixa, apesar disso não deu continuidade ao processo. Em contraposição a isso dois entrevistados relataram acreditarem ser ineficaz a justiça no enfrentamento da homofobia, sobre isso o entrevistado 4 falou: *“(...) Se você me bater por agressão por homofobia e eu for na delegacia, você vai lá responde um inquérito, as vezes fica detido (o agressor), mas sai no mesmo dia. É raro os casos que pegam, que vai para a cadeia, e mesmo que vá fica uns três meses só e já sai de novo, então é uma justiça tipo, tem justiça só para assinar lá o caderninho de leis no Brasil, mas a justiça mesmo não se faz.”* O entrevistado 2 falou algo muito semelhante a esse discurso: *“(...) ser atacado por algum homofóbico, (...) pronto, você se fode, e aí vai e denuncia e, tá acabou, tipo...não sei se muda alguma coisa (...)”*.

Ao serem questionados sobre as formas de lidar com a homofobia dois dos entrevistados disseram que uma das formas de se fazer isso é a auto conscientização de que cada cidadão precisa considerar e vivenciar sua própria vida, despreocupando-se com o que as demais pessoas fazem em suas vivências, desse modo o entrevistado 3 coloca: *“Eu acho que assim, a gente perde tempo discriminando as pessoas (...) porque a gente não gastou esse tempo cuidando da própria vida e se autocriticando, então eu acho que tudo parte do princípio de cuidar da própria vida (...)”*. Seguindo essa mesma linha de raciocínio o entrevistado 4 coloca: *“(...) o que dizer para um homofóbico? Acho que eu diria para ele: ‘Vai cuidar da sua vida!’ Deixa a minha vida em paz! ”*.

Sobre a educação como forma de enfrentamento dois dos entrevistados a consideraram de grande relevância, e como meio basilar para a quebra do preconceito e discriminação contra homossexuais. O entrevistado 1 falou que essa educação a favor do respeito e contra o preconceito deve se iniciar já na infância de modo coerente com este período do desenvolvimento: *“(...) a solução para o problema*

é a educação, é falar sobre o assunto, é discutir sobre o assunto, com as crianças de uma forma lúdica, eu acho que existe uma forma sim de tratar esse assunto com crianças, eu acho que o maior jeito de lidar com a criança sobre esse assunto é o respeito ao próximo, você ensinando a criança que ela deve respeitar ao próximo, o próximo sendo ele o que for, já é uma base, já começa dali.” O mesmo entrevistado falou também sobre educar o adulto homofóbico para que ele se desvincule do próprio preconceito a partir do conhecimento: *“(...) hoje eu sofro agressão e penso: ‘Meu, coitada dessa pessoa’, eu fico com dó daquela pessoa, para mim ela é primitiva, eu fico com dó, eu penso: ‘Nossa, vem cá, senta aqui, vamos conversar um pouquinho sobre esse assunto. Sério mesmo que você vai me xingar? Você não quer entender um pouco sobre isso? Você vai me atacar por uma coisa que para mim é tão normal?’ (...).”* A respeito da relação entre educação e homofobia os trabalhos de Fontes (2008), Vianna e Ramires (2008) e Rios e Santos (2008) consideram que a homofobia está presente desde a educação formal primária, quando não se tem representação de orientações sexuais diferentes da heterossexualidade, do mesmo modo o planejamento didático dos professores, por não considerar educar as crianças a respeito da diversidade sexual, assim essas crianças se formam com a concepção de que o padrão e o correto é a heterossexualidade, muitas vezes sem sequer terem ouvido o termo homossexual ou homossexualidade em seu processo educacional formal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um breve percurso pela história da sexualidade pôde-se identificar os lugares que esse aspecto fundamental da vida humana ocupou em diferentes períodos da história, assim como constatar os aspectos sociais relacionados à homossexualidade e produtores da homofobia, o que reafirmou o papel do contexto histórico para a colocação da homossexualidade nas sociedades ocidentais em um lugar estigmatizado.

Foi possível constatar que a heteronormatividade, decorrente dos privilégios atribuídos à heterossexualidade, colocou a homossexualidade, assim como outras orientações sexuais diferentes da heterossexualidade, como pecado pelo cristianismo, como doença pela ciência e como crime pela justiça. A herança dessas visões sobre a orientação homossexual ainda conduz muitas sociedades, dentre elas a brasileira.

O estudo permitiu caracterizar a homofobia não apenas como um preconceito, mas também uma discriminação e violência (interpessoal, auto-infligida e coletiva) contra os homossexuais e a população LGBT, produzindo inúmeros impactos na vida das vítimas, impactos esses que vão de doenças como o Estresse Pós Traumático ao homicídio, passando por questões como isolamento afetivo-social, comportamentos autodestrutivos, somatização, mudanças de comportamento, depressão, suicídio, dentre muitos outros.

A análise do discurso dos participantes da pesquisa à luz do referencial teórico possibilitou a comparação entre ambos e permitiu considerar que os dados empíricos reforçam importantes aspectos encontrados na teoria.

Acerca da definição de homofobia e violência homofóbica verificada no levantamento percebeu-se que por vezes violência homofóbica e homofobia foram consideradas como dimensões de um mesmo fenômeno, onde não foi possível se estabelecer uma diferenciação. No entanto essa diferenciação se colocou quando a violência homofóbica foi apresentada como uma agressão direta (verbal ou física), enquanto que homofobia poderia estar apenas no campo do pensamento e não no comportamento.

No levantamento também foi possível conhecer os impactos gerados pela homofobia na vida dos homossexuais entrevistados. A esse respeito pôde-se notar a multiplicidade de impactos produzidos, e o quanto que a família e a escola foram enfatizadas no que se refere à homofobia. Sobre os impactos podem-se destacar os sentimentos associados aos comportamentos, sendo o medo um dos principais sentimentos conduzindo a uma vigilância constante, além de mudanças no comportamento decorrentes desse medo, como mudar a postura corporal, o modo de falar e andar, a maneira de se vestir, enfim, colocar-se no mundo de outra forma como tentativa de evitar novas situações de violência. A autoprivação associada ao medo também se mostrou presente quando os entrevistados relataram não sentir a mesma liberdade que antes da vivência de agressão, evitando, por exemplo, frequentar alguns lugares.

O amadurecimento precoce foi apontado também como um dos efeitos das vivências de homofobia já na infância, com essas situações o sujeito já percebia que precisaria defender-se para se proteger das agressões.

Também se evidenciaram nos discursos dos entrevistados os sentimentos de tristeza ao se depararem com a violência homofóbica, em alguns casos esse sentimento associou-se à culpa em relação à própria orientação sexual, e até mesmo à raiva diante da agressão homofóbica.

A solidão, rejeição e desamparo surgiram após vivência de homofobia advindas, sobretudo, da família. Ainda assim o sentimento de solidão também foi citado como presente no que se refere à relação do indivíduo com a sociedade que isola e desampara os homossexuais. Em consonância com isso, aponta-se a falta de segurança pública aos homossexuais.

É importante considerar as diferentes perspectivas levantadas no que se refere à relação com a família, ao reconhecerem que familiares se dizem preocupados não com a homossexualidade em si, mas com o que pode advir da homofobia alheia e os que consideram a proteção familiar uma forma de mascarar a homofobia da família. Esse aspecto de divergência pode estar associado a diferentes condições sociais, de modo que o nível de conhecimento, formação e a classe social podem ser fatores que influenciem na diversidade de perspectivas sobre o mesmo fenômeno.

A expulsão de casa levou a considerar a família como fonte de afastamento físico, gerando um misto de sentimentos de solidão e liberdade, no entanto esse afastamento não foi tido como isenção de cuidados, ainda que a distância. No entanto o apoio dos pais teria evitado sofrimentos e culpa. Em consonância com isso, a questão do suicídio novamente reforçou a relevância da família ao se falar em homofobia, pois a ideia suicida surgiu como possibilidade de vingança contra os pais que praticaram homofobia, numa tentativa de fazê-los culpados pelos atos homofóbicos.

O discurso dos entrevistados a respeito das formas de lidar com a homofobia ou de enfrenta-la consistiu na concepção de que as pessoas precisam focar-se em suas vidas sem interferir nas dos demais, tendo posturas mais autocríticas do que julgadoras do outro, priorizando sempre o respeito a todos. Outro aspecto a isso relacionado é acreditar que o passo inicial para lidar com a homofobia é a auto aceitação, pois no momento em que o homossexual se assume e aceita sua orientação sexual ele passa a lidar com mais facilidade com a homofobia.

Ainda sobre o enfrentamento, foi possível identificar a consciência de que buscar ajuda da polícia é um direito quando se fala em violência homofóbica, no entanto essa busca contrapõe-se a ideia de que esta ação seja eficaz. Avançando nessa questão, a justiça também foi apresentada como ineficaz no que se refere à homofobia.

Como mecanismo de enfrentamento a educação surgiu como fundamental, de modo que a educação e a informação desde a infância até a vida adulta poderiam ser facilitadoras no enfrentamento desse tipo de violência, e sobretudo, na sua prevenção, na medida em que a homofobia, e outros preconceitos e violências, têm como uma de suas principais razões a falta de conhecimento ou informação.

Em relação à educação e ao enfrentamento da homofobia, os movimentos LGBT apresentam-se como de relevância inquestionável, no sentido de que são esses que dão visibilidade ao preconceito e discriminação, nem sempre percebidos, e com isso buscam um lugar de direito, não apenas da população LGBT, mas direito de todos serem respeitados como seres humanos e cidadãos. No entanto, os movimentos sozinhos não tem condições de atingir todos os meandros da sociedade, para que se produzam mudanças não apenas no campo da atitude e

comportamento, mas também, e principalmente, na estrutura homofóbica característica do Brasil.

Diante de todo o percurso proposto pelo trabalho, se faz necessário pensar no papel da Psicologia no que se refere à homofobia e a homossexualidade. Considerando-se que o discurso patologizante da orientação sexual diferente da heterossexualidade pela Psicologia deve-se ao fato de ter sido concebida como ciência, no momento em que a homossexualidade ocupava o lugar de patologia, em que já existia uma “verdade” sobre o sexo, definindo o que seria o normal e doentio.

Apesar dos avanços em relação à uma Psicologia homofóbica do passado, ainda hoje há uma grande patologização da diversidade sexual, observada no discurso de diversos psicólogos e outros profissionais da Saúde Mental. Não são incomuns os casos de psicólogos quebrando a ética e se propondo a realizar a “cura gay”, muitas vezes solicitada pelo próprio indivíduo homossexual, que sofre com sua homofobia internalizada ou pelos pais que acreditam que seu filho ou filha esteja doente porque se desvia do padrão heterossexual.

Após os caminhos percorridos, não há dúvidas de que a homofobia ainda existe operando fortemente na sociedade brasileira, gerando impactos profundos nos âmbitos individuais e sociais, demandando posicionamentos não apenas dos movimentos sociais, mas do Estado e da sociedade civil como um todo, assim como da Psicologia e de outras ciências, em defesa da criação de políticas públicas que defendam os direitos humanos e protejam a população LGBT.

REFERÊNCIAS

- 10 ASSASSINATOS homotransfóbicos emblemáticos ocorridos no Brasil. 2017. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2017/10/noticias/10-assassinatos-homotransfobicos-emblematicos-ocorridos-no-brasil>>. Acesso em: 05 out. 2017.
- ADAMS, Henry E.; WRIGHT, Lester W.; LOHR, Bethany A.. Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal? **Journal Of Abnormal Psychology**, Georgia, EUA, v. 105, n. 3, p.440-445, fev. 1996. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/files/u47/Henry_et_al.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti A.. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.663-676, 2015. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2015.3-11>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300011>. Acesso em: 08 ago. 2016.
- AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; VERÍSSIMO, Hugo Vasconcelos; LOURENÇO, Gilclécia Oliveira. A adoção de crianças por pais gays. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 25, p.631-641, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n3/17.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, Casamento e Sexualidade: Velhas e Novas Configurações. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, p.70-77, out. 2002.
- BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Neuropediatria**, Campinas, p.01-05, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: O Antigo e o Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica, 2014. p.10.
- BORGES, Lenise Santana et al. Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 33, n. 3, p.730-745, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300016>. Acesso em: 03 maio 2016.
- BRASIL. **Relatório Sobre Violência Homofóbica: ano 2013**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 12 dezembro 2016.
- BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.15-60. Tradução: Renato Aguiar.
- CANCIAN, Natália. **Justiça concede liminar que permite tratar homossexualidade como doença**. 2017. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1919516-justica-concede-liminar-que-permite-tratar-homossexualidade-como-doenca.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.323-345, ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200323>. Acesso em: 03 maio 2016.

CFP. **NOTA de esclarecimento**. 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/nota-de-esclarecimento/>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Conselho Federal de Psicologia. **RESOLUÇÃO CFP Nº 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999**. 1999. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2016.

CFP. **Resolução CFP 01/99 é mantida em decisão judicial**. 2017. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/resolucao-cfp-0199-e-mantida-em-decisao-judicial/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade_Sexual_-_Final.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2016.

CRISTÓFARO, Helgis Torres; MANZI FILHO, Ronaldo. Ainda a questão de gênero: (In) Determinação ou luta por reconhecimento?. **Trans/formação**, Marília, v. 38, n. 1, p.29-42, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732015000100029>. Acesso em: 29 abr. 2016.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 11, p.1163-1178, 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232006000500007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 out. 2016.

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.5-20, jul. 2001.

FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **Katálisis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.223-232, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v16n2/08.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: Construindo o respeito à diversidade**. Londrina: Uel, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009. Tradução: Joice Elias Costa.

FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação: ausência de imagens da diversidade sexual em livros didáticos. **Psicologia Política**, [s.l.], v. 8, n. 16, p.363-378, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200012>. Acesso em: 19 maio 2017.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J.A. Guilhon Albuquerque.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. Famílias homoafetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.21-33, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003>. Acesso em: 08 set. 2016.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos: 1901-1905**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GATO, Jorge et al . Homofobia transatlântica: preconceito contra lésbicas e gays em Portugal e no Brasil. **Temas Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 701-713, set. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-14>.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IG, 2014. **Psicóloga que propunha ‘cura gay’ tem registro cassado no Paraná**. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-05-23/psicologa-que-propunha-cura-gay-tem-registro-cassado-no-parana.html>>. Acesso em: 23 maio 2016.

IRINEU, Bruna Andrade. 10 anos do Programa Brasil Sem Homofobia: notas críticas. **Temporalis**. Brasília, v. 28, n. 14, p.193-220, dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/viewFile/7222/6153>>. Acesso em: 10 mai 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de análise de material qualitativo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006. Cap. 11. p. 303-360.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 13, p.109-126, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169/167>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. In: Congresso de Leitura do Brasil, 6., 2007b. p. 1-19. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p.101-128, jun. 2007a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100006>. Acesso em: 29 abr. 2016.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. , n. 21, p.150-182, jun. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222009000100008>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MOITA, Gabriela. A patologização da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 76, p.53-72, 1 dez. 2006. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/862>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Reflexões sobre o conceito de violência: da necessidade civilizatória à instrumentalização política. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano do; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena: Eduemg, 2011. p. 33- 42. Disponível em: <<http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/PubLocal172P20120518123259.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 19, n. 1, p.67-76, mar. 2014.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. Homossexualidades na história: alguns discursos sobre as sexualidades. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 2. p.28-42.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. Preconceito, invisibilidades e manutenção das hierarquias sociais. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 4. p.67-82.

PONTES, Ângela Felgueiras. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso?**: Promoção do Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção em Meio Escolar. 2011.

282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências de Saúde Mental, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, 2011. Cap. 1. Disponível em: <[https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/24432/2/Sexualidade vamos conversar sobre isso.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/24432/2/Sexualidade%20vamos%20conversar%20sobre%20isso.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2017.

REIS, Toni. **GLTB e Direitos Humanos em 2004: um balanço**. 2004. Disponível em: <<http://www.social.org.br/relatorio2004/relatorio035.htm>>. Acesso em: 24 maio 2016.

RIOS, Roger Raupp; SANTOS, Wederson Rufino dos. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. **Psicologia Política**, [s.l.], v. 8, n. 16, p.325-344, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200010>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ROA, Carlos Alejandro Pineda. Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, [s.l.], v. 42, n. 4, p.333-349, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80629822006>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

ROSA, Rosiléia et al. Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde. **Interface: comunicação, saúde, educação**, S.l., v. 14, n. 32, p.81-90, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100007>. Acesso em: 20 out. 2016.

RUDNICKI, Dani; SCHÄFER, Gilberto; SILVA, Joana Coelho da. As máculas da prisão: estigma e discriminação das agentes penitenciárias. **Revista Direito Gv**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.608-627, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6172201724>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322017000200608&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 29 out. 2017.

SILVA, Graziela Nascimento da; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: Um estudo com professores da rede pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.145-153, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572003000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na História: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 3, p.8-15, jan. 2000.

SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares et al. Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 50, p.447-461, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302009000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p.308-326, maio 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150185>. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rac/v21n3/1982-7849-rac-21-3-0308.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org.). **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011. p. 49-66. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade_Sexual_-_Final.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.137-163, 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-56652012000100010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100010>. Acesso em: 12 set. 2016.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p.376-391, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005>. Acesso em: 05 jul. 2017.

TONIETTE, Marcelo Augusto. **Trajetórias de vida e sexualidades: um estudo a partir de depoimentos de homens e mulheres atendidos no Plantão Psicológico do Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP**. 2009. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Cap. 2.

VIANNA, Cláudio; RAMIRES, Lula. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Psicologia Política**, [s.l.], v. 8, n. 16, p.345-362, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200011>. Acesso em: 19 maio 2017.

GLOSSÁRIO

Lésbicas: terminologia utilizada para designar a homossexualidade feminina (CONSELHO, 2004, p.30).

Transgêneros: terminologia utilizada que engloba tanto as travestis quanto as transexuais. É um homem no sentido fisiológico, mas se relaciona com o mundo como mulher (CONSELHO, 2004, p.30).

Transexuais: são pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. Sendo o fato psicológico predominante na transexualidade, o indivíduo identifica-se com o sexo oposto, embora dotado de genitália externa e interna de um único sexo (CONSELHO, 2004, p.30).

Bissexuais: São indivíduos que se relacionam sexual e/ou afetivamente com qualquer dos sexos. Alguns assumem as facetas de sua sexualidade abertamente, enquanto outros vivem sua conduta sexual de forma fechada (CONSELHO, 2004, p.30).

Bullying: [...] ações físicas e sociais negativas que são cometidas intencionalmente, repetidamente, ao longo do tempo por uma ou mais pessoas contra um indivíduo que não pode se defender facilmente (Olweus, 1991). Geralmente as vítimas de *bullying* apresentam uma característica diferenciada que as tornam alvos fáceis da violência, podendo ser a orientação sexual e/ou identidade de gênero (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015, p.664).

Burnout: Essa síndrome é considerada por França e Rodrigues (1999) como uma resposta emocional a situações de estresse crônico em função de relações intensas em situações de trabalho com outras pessoas. Segundo Maslach e Jackson (1981), se constitui de três dimensões conceitualmente distintas, mas empiricamente relacionadas: exaustão emocional, despersonalização e falta de realização profissional (SILVA; CARLOTTO, 2003, p.145-146).

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO - TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa: "Impactos da homofobia na vida de homens homossexuais agredidos", desenvolvida por um professor responsável e um aluno do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário São Camilo.

Este estudo tem por objetivo conhecer os impactos da violência gerada pela homofobia nos múltiplos âmbitos da vida de homens homossexuais com vivência de agressão e as formas que lidam com as questões. Esta pesquisa foi submetida às normas éticas e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP), do Centro Universitário São Camilo, órgão que regula a realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

Sua atuação consistirá em participar de uma entrevista com um aluno pesquisador, em horário de sua escolha no espaço destinado a Práticas de Diagnóstico e Intervenção Psicológica do Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, não envolvendo riscos além de possível desconforto com aspectos discutidos na entrevista.

A entrevista será gravada em aparelho digital mediante sua aprovação e para isso você deverá assinalar no espaço correspondente. Caso não assinale a concordância com a gravação, o aluno pesquisador anotará suas respostas. Em qualquer um dos casos você terá garantia de que sua identidade não será divulgada, sendo preservado o anonimato. Qualquer informação que possa levar à sua identificação pessoal será omitida ou tratada de forma a impedir que isso ocorra, garantindo completa privacidade e sigilo.

Em qualquer momento, você poderá decidir interromper ou desistir da participação na pesquisa sem ser penalizado de forma alguma. Após estes esclarecimentos, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento na linha correspondente à confirmação de sua participação.

Em caso de dúvida poderá procurar o professor responsável pela pesquisa ou o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário São Camilo, situado à Rua

Raul Pompéia, 144- Perdizes - CEP 05025-010 ou pelo e-mail: coep@saocamilo-sp.br/ ou pelo telefone 3465-2669.

Márcia Aparecida Giuzi Mareuse

Pesquisador Responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado concordo em participar da pesquisa intitulada “Impactos da homofobia na vida de homens homossexuais agredidos”. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos e sobre o sigilo que garantirá minha privacidade, não sendo veiculados nome ou dados que possam me identificar publicamente. Foi-me garantido que posso me retirar a qualquer momento da pesquisa sem qualquer penalidade.

() Concordo que a entrevista seja gravada

Local e data:

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Olá,

Sou estudante do último ano de Psicologia, estou escrevendo meu TCC, cujo tema é “Impactos da homofobia na vida de homens homossexuais agredidos” e gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa de campo, que consiste em conceder uma entrevista, em horário de sua escolha, no espaço destinado a Práticas de Diagnóstico e Intervenção Psicológica do Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo localizado na cidade de São Paulo.

O objetivo deste estudo é “Conhecer os impactos da violência gerada pela homofobia nos múltiplos âmbitos da vida de homens homossexuais com vivência de agressão e as formas que lidam com as questões”. O estudo mostra-se relevante considerando os dados relativos ao aumento de casos de agressão que atinge a população de homens homossexuais, o que aponta para a necessidade dos psicólogos se aprofundarem no tema. Sendo assim, o estudo almeja possibilitar uma reflexão sobre as questões que envolvem a violência gerada pela homofobia, considerando não apenas o que a literatura aborda, mas, sobretudo, desvelando o tema a partir da vivência pessoal do sujeito agredido.

Considerando o objetivo do estudo, o perfil necessário para participação na pesquisa de campo é ser homem (gênero e sexo biológico), homossexual, com idade entre 18 e 30 anos, residente da cidade de São Paulo, que tenha passado por uma situação de violência homofóbica, seja ela verbal, física ou psicológica, não envolvendo riscos além de possível desconforto com aspectos discutidos na entrevista. Tendo como possível benefício aos participantes da pesquisa, a construção de um espaço de reflexão acerca do tema possibilitando um novo olhar sobre o tema.

A entrevista será conduzida por mim, o aluno pesquisador. O participante terá a garantia de sigilo da sua identidade assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante também o direito de desistência a qualquer momento sem ônus.

Interessados em participar da pesquisa podem entrar em contato diretamente comigo, aluno pesquisador pelo email: pesquisahomofobia@hotmail.com

Obrigado pela colaboração

Pablo Cesar dos Santos

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais

- Idade:
- Nível de Escolaridade:
- Ocupação/Trabalho:
- Estado civil:
- Pessoas com quem vive:

Dados relativos à temática:

- Histórico da situação de violência homofóbica vivida pelo indivíduo.
- Sentimentos, significados e sentidos originados a partir da situação de violência homofóbica.
- Consequências/Influência da situação de violência homofóbica na vida do indivíduo
- Formas de lidar com a violência homofóbica.